

# LENDAS E SEGREDOS DAS ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL

Ana Maria Magalhães ■ Isabel Alçada



Almeida



Castelo  
Mendo



Castelo  
Novo



Castelo  
Rodrigo



Idanha-  
a-Velha



Linhares  
da Beira



Marialva



Monsanto



Piódão



Sortelha



LENDAS E SEGREDOS  
DAS  
**ALDEIAS**  
**HISTÓRICAS**  
DE PORTUGAL

Ana Maria Magalhães ■ Isabel Alçada

**TÍTULO**  
Lendas e Segredos das Aldeias Históricas de Portugal

**AUTORAS**  
Ana Maria Magalhães  
Isabel Alçada

**DESIGN GRÁFICO**  
tvmdesigners

**FOTOS**  
Pedro Cardoso/INATEL

**ILUSTRAÇÕES**  
Carlos Marques

**COPYRIGHT**  
© Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (texto)  
© Carlos Marques com colaboração de Sérgio Vieira (ilustrações)

**EDIÇÃO**  
Comissão de Coordenação da Região Centro

**PRODUÇÃO**  
Editorial Caminho, SA, Lisboa – 2002

**DIGITALIZAÇÃO E FOTOLITOS**  
Cromout, Lda.

**IMPRESSÃO**  
Tipografia Peres, Lda.

**DATA DE IMPRESSÃO**  
Março de 2002

**TIRAGEM**  
5000 exemplares

**DEPÓSITO LEGAL** 175807/02

ISBN 972-569-121-0

LENDAS E SEGREDOS  
DAS  
**ALDEIAS**  
**HISTÓRICAS**  
DE PORTUGAL



☞ Percorrer os dez lugares que definem a rede das Aldeias Históricas de Portugal é, nos dias de hoje, uma reconfortante viagem no espaço e no tempo. Marialva, Castelo Rodrigo, Castelo Mendo, Almeida, Sortelha, Castelo Novo, Idanha-a-Velha e Monsanto desenham uma linha de povoações acasteladas, musculam a paisagem com fortificações que constituíam a primeira linha de defesa duma fronteira que o tempo se encarregou de ir apagando; as serras da cordilheira central desenham uma diagonal montanhosa, principal fractura entre o Norte e o Sul do país, em cujo flanco norte encontramos Piódão e Linhares.

Localizados entre o Douro e o Tejo, estes lugares identificam uma das parcelas mais peculiares do nosso mosaico regional. Viajar entre Marialva e Monsanto é fazer a transição entre o Norte e o Sul do país, entre a terra fria Transmontana, adjacente ao Douro, e a zona onde o Alentejo já se anuncia.

As dez Aldeias valem mais do que a soma das suas partes. Alicerçadas num valor intemporal, a imagem de rede, que definem, decorre da força do seu património e do querer das suas populações em mantê-lo e preservá-lo.

A recuperação do património histórico-cultural e a valorização de aglomerados medievais, que constituem referências importantes no povoamento e na estabilização do território nacional, têm constituído vectores importantes no relançar das Aldeias que, carregadas de história, foram perdendo a importância de outrora. A imponência dos seus castelos e a magia dos ambientes estimulam a reconciliação com a história, a procura e a valorização das nossas origens mais genuínas atribuindo-lhes, assim, um outro valor menos tangível, recheado de símbolos, estórias, lendas... Conhecer e explorar estes espaços é condição para que eles sejam valorizados e amados. É condição para fazer renascer neles a vida e a dinâmica que o tempo e o esquecimento, durante anos, lhes foi sugando!

É com gosto que apoiámos uma iniciativa em que se perpetuam valores da nossa memória e se divulgam, entre os mais jovens, traços marcantes da nossa identidade colectiva. Uma palavra de agradecimento às autoras cuja arte permitiu cerzir fragmentos duma cultura dispersa, nos meandros do tempo, reforçando a ideia de Eduardo Lourenço quando afirma que «povos e indivíduos só têm o passado à sua disposição. É com ele que imaginam o futuro».

Fevereiro de 2002

ELISA GUIMARÃES FERREIRA  
*Ministra do Planeamento*



✎ Tem estado a Comissão de Coordenação da Região Centro envolvida, desde a primeira hora, na iniciativa inovadora de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal que, tendo-se iniciado no âmbito do II Quadro Comunitário de Apoio, se mantém com objectivos de aprofundamento e consolidação, no actual QCA.

Depois do desenrolar de um conjunto de iniciativas de valorização urbana e recuperação patrimonial, em dez aglomerados da Região Centro, em que participaram solidariamente a Administração Central, Local, e outros agentes de desenvolvimento, apoiados pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, as Aldeias Históricas constituem hoje uma referência no panorama turístico-cultural nacional que importa amplamente divulgar.

É nesta componente, menos visível e mais árdua, de animar, promover e divulgar o que de mais genuíno e marcante nos deixou a nossa história, e em que nos encontramos empenhadamente envolvidos, que se enquadra a edição que agora se publica.

Resta-nos agradecer às autoras, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, que tanto têm estimulado a imaginação dos mais jovens, a resposta dada ao desafio lançado pela Comissão de Coordenação da Região Centro, pois é a forma de passar às gerações futuras o que recebemos daqueles que nos antecederam.

Fevereiro de 2002

**JOÃO VASCO RIBEIRO**

*Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro*



<b>ALMEIDA</b>	11
<i>Lenda histórica</i>	13
<b>Pobre Isabel!</b>	13
Episódios da História de Almeida	17
Curiosidades de Almeida	19
<b>CASTELO MENDO</b>	21
<i>Lenda popular</i>	23
<b>O monstro e o ermitão</b>	23
Episódios da História de Castelo Mendo	25
Curiosidades de Castelo Mendo	26
<b>CASTELO NOVO</b>	29
<i>Lenda que envolve tradições mágicas e religiosas</i>	31
<b>Belisandra e a praga dos gafanhotos</b>	31
Episódios da História de Castelo Novo	33
Curiosidades de Castelo Novo	34
<b>CASTELO RODRIGO</b>	37
<i>Lenda histórica de amores contrariados</i>	39
<b>Amar Ofa</b>	39
Episódios da História de Castelo Rodrigo	41
Curiosidades de Castelo Rodrigo	43
<b>IDANHA-A-VELHA</b>	47
<i>História do tempo dos Romanos</i>	49
<b>O relógio de sol</b>	49
Episódios da História de Idanha-a-Velha	51
Curiosidades de Idanha-a-Velha	52
<b>LINHARES DA BEIRA</b>	55
<i>Lenda histórica</i>	57
<b>A Batalha da Lua Nova</b>	57
Episódios da História de Linhares da Beira	59
Curiosidades de Linhares da Beira	60
<b>MARIALVA</b>	63
<i>Lenda baseada nas velhas histórias de amor e de encantamentos</i>	65
<b>Maria Alva</b>	65
Episódios da História de Marialva	68
Curiosidades de Marialva	69
<b>MONSANTO</b>	71
<i>Lenda baseada na eterna luta entre o bem e o mal</i>	73
<b>São Pedro de Vir-a-Corça</b>	73
Episódios da História de Monsanto	75
Curiosidades de Monsanto	76
<b>PIÓDÃO</b>	79
<i>Lenda histórica</i>	81
<b>Dois reis enganados por um mendigo</b>	81
Episódios da História de Piódão	87
Curiosidades de Piódão	88
<b>SORTELHA</b>	91
<i>História tradicional</i>	93
<b>O vento que soa</b>	93
Episódios da História de Sortelha	94
Curiosidades de Sortelha	95



# ALMEIDA







A história da princesa Isabel baseia-se em factos reais: Isabel foi a única filha bastarda do rei D. Fernando e não se sabe quem era a mãe. No ano de 1372 o rei Henrique de Castela invadiu Portugal com um exército que entrou por Almeida e se dirigiu para sul a fim de cercar Lisboa. Pelo caminho efectuaram pilhagens, houve combates, muitos mortos e feridos. Os Portugueses resistiram como puderam mas ficaram muito abalados, e por isso tiveram que fazer cedências na altura de assinar a paz. Uma das cedências foi entregar algumas terras junto da fronteira ao rei de Castela. Do lote fez parte Almeida, que só foi entregue por três anos.

Na ideia de reforçar os laços de amizade e evitar novas guerras, combinaram-se casamentos de princesas portuguesas com príncipes castelhanos. Isabel, apesar da sua pouca idade, seguiu com os exércitos inimigos para se casar com Afonso, também ele filho bastardo do rei de Castela. Acontece que Afonso, que já tinha 18 anos, reagiu muito mal à ideia, rejeitou a noiva e só casou com ela porque o pai o obrigou. No entanto, ao contrário de outras pequenas princesas que foram viver para o estrangeiro e tanto sofreram em terras estranhas sem o amor de ninguém, Isabel teve sorte. A rainha de Castela era irmã da sua avó paterna e, portanto, não só a recebeu de braços abertos como a protegeu toda a vida.

*Nota: A rainha de Castela chamava-se Joana Manuel e era irmã da infeliz Constança Manuel, mãe do rei D. Fernando.*



## Pobre Isabel!

Quando a princesa Isabel completou oito anos, seu pai, o rei D. Fernando, resolveu pôr fim a uma guerra sangrenta com os Castelhanos. Para selar a paz, cederam-se terras e combinaram-se casamentos. Almeida, com suas terras e suas riquezas, foi entregue ao inimigo mas só por três anos. Quanto à princesa Isabel, pobre Isabel, foi entregue para sempre, pois o pai deu-a em casamento ao príncipe Afonso, filho bastardo do próprio rei de Castela.

Acontece que o noivo, que já tinha dezoito anos, ficou furioso e embirrou solenemente com aquela miúda que lhe queriam impingir. Talvez ela fosse magricela e andasse a mudar os dentes da frente como acontece por essa idade. Ou talvez fosse gorducha, mimada, com a mania dos risinhos e dos segredinhos. Ou então, quem sabe, seria uma criança atrevida, capaz de lhe deitar a língua de fora e dizer:

«Bem feito! Gostas de andar com raparigas crescidas mas tens de casar comigo! Bem feito... Tens de casar comigo...»

Fosse qual fosse o motivo, certo é que D. Afonso criou uma tal aversão à noiva que não a podia ver. Fugia dela como o diabo da cruz e durante a viagem consta que nunca sequer lhe dirigiu a palavra.

Isabel não se deve ter importado muito. Com oito anos, queria lá saber daquele marmanjo altíssimo de grandes manápuas e pés enormes. Apetecia-lhe ser anti-pático? Pois que lhe fizesse bom proveito. Ela tencionava divertir-se pelo caminho. Tinha muito com quem falar, pois iam imensos portugueses na comitiva. De vez em quando sentia saudades, claro. De pessoas e lugares. Só que aos oito anos não se vive do passado nem do futuro, goza-se o presente. Na verdade, Isabel não veio a ter motivos para lamentar o seu destino. A vida na corte castelhana era animadíssima e a rainha, D. Joana Manuel, recebera-a com ternura desde o primeiro dia. Ninguém estranhou essa amizade, porque D. Joana era irmã da avó daquela noivinha pequenina que o rei trouxera de Portugal. Ao vê-la na sua frente, muito bem vestida, muito bem penteada, muito bem perfumada, sentiu um baque no coração como se a pobre da irmã tivesse ressuscitado e lhe aparecesse ali outra vez fresca e pronta a recomeçar vida nova. Encheram-se-lhe os olhos de lágrimas, chamou-a para junto de si, ofereceu-lhe uma jóia e nunca mais deixou de a proteger.

Isabel gostava portanto de viver em Castela. Aprendeu a falar a língua local quase sem dar por isso e pouco tempo depois de ter chegado já cantava e dançava com as amigas da sua idade nos jardins ou nos saraus da corte. Adorava ir para Sevilha na Primavera e instalar-se no palácio da cidade, muito diferente dos outros que conhecia. Tinha pátios misteriosos onde sussurravam fontes e o ar cheirava a flor de laranjeira. Mas também apreciava Toledo e as paisagens bruscas a pique sobre o rio. E se no Inverno iam para Valladolid, aguardava impaciente um belo nevão para sair com as amigas envergando botas de coiro, luvas, capas forradas de pele muito fofas, quentinhas. Deslizavam no gelo, atiravam pedaços de neve umas às outras e riam à gargalhada, enchendo de alegria a atmosfera cristalina, boa de respirar.

Assim foram passando os anos, sempre fáceis, descuidados, salvo daquela vez em que adoeceu gravemente e a rainha mandou buscar para a tratar um médico mouro muito famoso que vivia em Granada. A primeira vez que o homem lhe entrou no quarto ia morrendo de susto, porque estava a arder em febre, tinha a vista turva e a cabeça a andar à roda. Quando irrompeu pela porta um desconhecido envolto em panos brancos e com turbante na cabeça, julgou que fosse uma alma do outro mundo e pôs-se aos berros. As aias tiveram um trabalhão para a acalmar e depois viram-se e desejaram-se para a obrigarem a engolir as beberagens amargas que o médico indicou. Então quando a enfiaram num banho de água amarelada e malcheirosa, a gritaria foi tal que se chegou a recear tivesse enlouquecido. Mas não. A pouco e pouco recuperou as cores, o apetite e a saúde.

No dia em que se levantou, ainda trémula e vacilante, percebeu que tinha crescido, pois os vestidos não lhe serviam. Ficou contente, sentiu-se mulher e mesmo sem querer lembrou-se do noivo.



Há muito que não o via. Que seria feito dele?, perguntou. Andava longe, ao serviço do rei de França. Alguém lhe confidenciou que fugira do país porque não queria casar com ela.

«Que diabo», pensou. «Nunca lhe fiz mal nenhum. Porquê este ódio?»

De facto ninguém entendia, e muito menos a rainha. Afonso tinha de cumprir a sua obrigação e casar-se com Isabel. Isso mesmo dizia ao rei, instigando-o a impor-se:

— Eu não sou mãe dele — dizia com desdém. — Porque se fosse, outro galo cantava. Jamais consentiria que um filho meu não me obedecesse.

O rei ficava passado de vergonha. Aquele filho bastardo dava-lhe tantos problemas! Já o castigara tirando-lhe terras e rendas, já o ameaçara. O rapaz insistia que não queria casar com a noiva. Um disparate. Isabel até era bonita, alegre, simpática. E se havia de casar com alguém, por que não com a prometida? Só por teima se explicava semelhante atitude. Mas, por mais voltas que desse à cabeça, não sabia como resolver o assunto.

Numa tarde chuvosa do mês de Fevereiro, estando a corte reunida no palácio de Valladolid, rabugentos quase todos e sem encontrarem tema de conversa que desanuviasse o ambiente, apareceu Isabel muito bem ataviada em sedas e veludos. Também se penteara com esmero e trazia ao pescoço, nas mãos e nas orelhas as jóias lindíssimas que lhe oferecera a rainha. Mais tarde veio até a suspeitar-se que a cena tivesse sido combinada entre as duas, mas quanto a isso não há certeza. No entanto, deu para surpreender damas, fidalgos e criados. O próprio rei ficou estupefacto ao ouvi-la declarar alto e bom som que chegara à idade de casar.

— Sei que não agrado a D. Afonso e quero que saibam que ele também não me agrada a mim, mas isso não interessa.

A assistência emudecera de pasmo perante aquela rapariguinha altiva e firme, exigindo de cabeça erguida aquilo a que tinha direito:

— Sou filha do rei de Portugal, e se está previsto que me torne nora do rei de Castela, não vejo motivo para esperar mais!

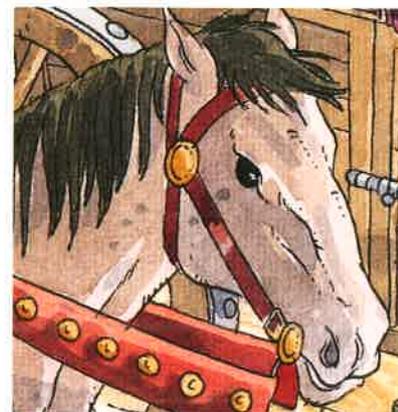
Uma argumentação simples, clara e directa nunca é fácil de rebater. O silêncio prolongou-se com grande incómodo para o rei, que sentiu a autoridade posta em causa diante dos mil pares de olhos que o trespassavam como quem pergunta: «Então? O príncipe casa ou não casa?»

D. Henrique saiu de rompante e mandou escrever em letras gordas uma mensagem ao filho. Ordenava-lhe que viesse imediatamente para subir ao altar e receber Isabel por esposa. Caso não comparecesse, seria deserddado e no testamento encontraria apenas a maldição paterna.

Apesar da ameaça, só nove meses depois se pôde realizar a cerimónia. Uma linda cerimónia na catedral de Burgos, com a presença do arcebispo de Santiago.

Isabel enfeitou-se como é costume nestas ocasiões e lá foi, entre nervosa e satisfeita. Vencera a primeira etapa mas ainda não podia considerar-se triunfante.

A igreja estava à cunha e nas abóbadas ecoavam rezas, cânticos. Quando chegou a vez de Afonso dizer o sim, ficou calado até que o rei se aproximou de cenho fran-



zido e ele não teve outro remédio senão murmurar a palavra-chave, mas fê-lo num repente carrancudo e maldisposto:

— Sim.

Durante a boda, alegre e farta, continuou trombudo. À noite lá foram para o quarto como esposos que eram diante dos homens e diante de Deus. Mas ele sempre furioso, contrariado, hirto, não a abordou, não a beijou nem lhe tocou ao de leve com a mão ou com o pé. Virou as costas sem uma explicação.

Pobre Isabel! Muito sofreu por se ver rejeitada. Preferiu no entanto não contar a ninguém e aguentar firme. Noite após noite engoliu a humilhação, de início com uma vaga esperança de que a birra do marido passasse, depois com tristeza, amargura, raiva. Por fim, sobreveio a indiferença. Pouco lhe interessava já alcançar o amor daquele brutamontes. Mas fazia absoluta questão de ter pelo menos um filho. Decidira portanto que havia de vergar Afonso. Precisava era de paciência e de imaginação.

Muitas foram as tentativas falhadas! Nem enfeites, nem perfumes, nem trejeitos, nem lágrimas, nem suspiros, nem o frio mais gélido, nem o calor mais tórrido, tiveram qualquer efeito. O marido continuava indiferente.

Quando o médico árabe que a tratara passou de novo pela corte, confidenciou-lhe os seus problemas e pediu ajuda. Ele olhou-a tão intensamente que julgou estivesse apto a resolver tudo num ápice. Só que, após vários segundos que se prolongaram pela eternidade, ele abanou a cabeça numa negativa desgostosa:

— Para males de amor a ciência ainda não encontrou remédio.

Afastou-se caminhando com pressa sobre o lajedo e nunca olhou para trás.

Por último Isabel recorreu a uma feiticeira sevilhana que toda a gente na corte consultava em segredo. A mulher era velha, gorda, feia e exalava um cheiro estranho a plantas mal cozidas. Sentada num banquinho de três pés, tão pequeno que se diria um milagre servir de apoio a semelhante corpanzil, a feiticeira ouviu, ouviu, muito calada. Mastigava um pauzinho e sorria absorta.

— Este caso resolve-se bem se souberes escolher o momento certo e dar-lhe uma beberagem feita com ervas que te indicarei e hão-de ser colhidas pelas tuas próprias mãos numa noite de lua cheia...

Isabel ficou contentíssima, dispôs-se a seguir as indicações à risca e saiu dali com a alma tão leve como um passarinho.

Um ano depois deu à luz um filho, quebrou-se o enguiço e vieram mais cinco rapagões!

Quando nasceu a única menina, a própria rainha quis escolher o nome que o padre havia de pronunciar na pia baptismal: Constança, como não podia deixar de ser...

Nota: No essencial, esta história foi contada por Fernão Lopes na *Crónica do Rei D. Fernando*.



**ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES****ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES****Romanos**

Os Romanos ocuparam esta zona. Há vestígios de construções romanas num lugar chamado Enxido de Sarça, que fica apenas 1 km a norte de Almeida.

**Mouros**

No tempo dos Mouros construíram-se as primeiras casas no sítio onde a povoação havia de ficar. Nesse tempo chamava-se Talmeida, o que significa «Mesa». A escolha do nome deveu-se certamente ao aspecto do terreno, que é um planalto em forma de mesa.

**Tempo dos Castelos****Reconquista Cristã/  
Primeira Dinastia**

O primeiro rei cristão que conseguiu conquistar Almeida foi Fernando Magno de Leão e Castela, avô de D. Afonso Henriques, em 1039. Depois começou o vaivém de conquistas e reconquistas, ora para os Mouros ora para os Cristãos. D. Sancho I, quando ainda príncipe herdeiro, entrou na terra vitorioso e logo que pôde mandou aumentar as muralhas. Os Mouros, na primeira oportunidade, fizeram uma razia e Almeida ficou praticamente deserta e com as casas quase destruídas. Finalmente um famoso cavaleiro chamado D. Paio Guterres, que era neto de Egas Moniz, expulsou os Mouros de Almeida definitivamente. O rei D. Dinis, que era um homem inteligente e se preocupava muito com todas as terras do país, não se esqueceu de Almeida. Mandou reforçar as muralhas e o castelo e deu benefícios aos moradores na carta de foral. Quando negociou com os Castelhanos a linha de fronteira entre os dois países (Tratado de Alcanizes, 1297) fez questão que Almeida ficasse do lado de Portugal. Começou então um outro vaivém entre Portugueses e Castelhanos.

No tempo do rei D. Fernando, fizeram-se obras de melhoramento nas muralhas e no castelo. Mas neste reinado houve três guerras com Castela. Na segunda guerra (1372-1373) os exércitos inimigos entraram em Portugal por Almeida e, quando assinaram a paz, D. Fernando teve que ceder Almeida por três anos. Na terceira guerra (1381) o rei de Castela tomou Almeida.

**Tempo****dos Descobrimentos****Segunda Dinastia**

Quando D. João I subiu ao trono, Almeida pertencia a Castela. O rei conseguiu reconquistá-la em 1386. D. Afonso V doou Almeida a um nobre muito poderoso, D. Pedro de Menezes. D. Manuel I, que também se preocupou muito com a organização das terras de todo o país, concedeu aos moradores de Almeida vários benefícios. Autorizou-os, por exemplo, a fabricar sabão, o que naquela época era importante e só se podia fazer com ordem do rei.

**Portugal unido à Espanha****Terceira Dinastia**

Quando Portugal esteve unido à Espanha, os reis — que por acaso tinham todos o mesmo nome, Filipe — proibiram que se fizessem obras nos castelos e nas muralhas que serviam de fronteira. Assim, se os Portugueses resolvessem recuperar a independência, tinham menos hipóteses de se defenderem. Durante este período o castelo de Almeida ficou quase em ruínas. [...]

[...]**Últimos reis de Portugal**

Quarta Dinastia

Em 1640 os Portugueses expulsaram os Espanhóis e restauraram a independência. Quem subiu ao trono foi D. João IV, que mandou imediatamente reconstruir todos os castelos de fronteira.

Nesta época Almeida foi muitas vezes atacada pelos inimigos mas nunca se deixou vencer. Por isso foi considerada um ponto-chave na defesa da Beira. Os oficiais encarregados de reunir homens foram dois nobres, Brás Garcia e Abranches Câmara. Usaram a expressão «Alma até Almeida» para mobilizarem as tropas.

No dia 2 de Julho de 1663 travou-se ali uma terrível batalha. Apesar de haver muitos mortos e feridos, Almeida não se rendeu. Em memória dessa batalha o dia 2 de Julho é o feriado municipal. Almeida continuou a ser considerada tão importante para a defesa militar do país que ao longo de três reinados — D. João V, D. José I e D. Maria I — esteve sempre em obras de melhoramento. O aspecto actual das muralhas é um modelo em forma de uma enorme estrela.

Este modelo, com a muralha aos bicos, foi imaginado por um francês chamado Vauban, que viveu no século xvii. A ideia era dificultar a vida aos atacantes e funcionou tão bem que o modelo foi adoptado em muitos países, incluindo Portugal. As muralhas de Almeida foram construídas à maneira de Vauban no tempo do marquês de Pombal. No século xix, os exércitos de Napoleão invadiram Portugal. O general comandante da terceira invasão francesa — Massena — entrou por Almeida e pôs cerco ao castelo. Só conseguiu entrar lá dentro porque na noite de 26 de Agosto de 1810 houve uma terrível explosão de pólvora que destruiu parte do castelo e abriu caminho aos franceses. Terminadas as lutas, foi necessário fazer obras de restauro, que se prolongaram durante treze anos. No entanto, não seriam as últimas. Alguns anos depois, quando estalou a guerra civil entre liberais e absolutistas, os habitantes de Almeida tomaram o partido de D. Miguel. O castelo voltou a ser palco de guerra, desta vez portugueses contra portugueses. As muralhas sofreram estragos e voltaram a ser reconstruídas. No ano de 1927 saiu de Almeida o último esquadrão de Cavalaria e o castelo deixou de ter funções militares.

---

**República**



Em Almeida é indispensável fazer um passeio por cima das muralhas em forma de estrela. Quem alongar os olhos pelos campos em redor pode facilmente imaginar exércitos inimigos a galope, com os Portugueses a dispararem fogo cruzado no topo daqueles extraordinários bicos de pedra. Os visitantes mais imaginativos, se guardarem uns segundos de silêncio e se concentrarem, hão-de conseguir captar o ruído das patas dos cavalos, os relinchos, os gritos de dor e de raiva, as ordens gritadas pelos chefes e até o estrondo surdo e pesado dos canhões, porque todos esses sons de guerra pairam em volta daquela terra cobiçada, tantas vezes atacada, conquistada e reconquistada ao longo dos séculos.

### **As casamatas**

As casamatas são salas e corredores subterrâneos que serviam de armazém e de abrigo para as populações em caso de ataque.

No século XIX as casamatas serviram de prisão.

### **A Porta de São Francisco e a Porta de Santo António**

As portas de Almeida são tão imponentes que quem ali passa, pensa «Hum... esta terra deve ter muito que contar».



Porta de São Francisco



Porta de Santo António

### As ruas de Almeida

As ruas, as casas, as igrejas, são um encanto.



### Casa da Roda dos Expostos

Em tempos que já lá vão as crianças que ficavam sem pais, que nasciam de amores proibidos ou que pertenciam a famílias muito pobres às vezes eram abandonadas durante a noite junto das portas dos conventos ou de casas ricas para que alguém cuidasse delas. Sabendo disso, houve quem se lembrasse de arranjar plataformas giratórias de madeira para as crianças abandonadas não ficarem no chão ao frio. Quem quisesse deixar ali uma criança sem ninguém ver ia a horas tardias, colocava a criança na roda e fazia-a girar para que a criança ficasse logo dentro de casa.

Algumas pessoas que se viam obrigadas a abandonar os filhos tinham o cuidado de deixar uma marca para mais tarde poderem reconhecê-los. Deixavam por exemplo um bilhete com o nome da criança, ou então uma medalha, uma fita de cabelo, um anel, etc. Assim, se tivessem oportunidade de lá voltar, mesmo que fosse só anos depois, podiam perguntar: «Qual destes meninos é que foi abandonado com um anel de prata entre as roupas?»



### A Pousada

Em Almeida há uma Pousada a que deram o nome de Senhora das Neves.

### Festas em Almeida

■ 8 de Abril – Feira ■ 2 de Julho – Feriado Municipal ■ Agosto – Festa da Nossa Senhora das Neves ■ 1 de Setembro – Feira Nova ■ 21 de Setembro – Comemoração da Batalha do Buçaco contra o general Massena.

---

Rio mais próximo: Côa

Altitude: 760 metros

---

# CASTELO MENDO







«O monstro e o ermitão» é uma lenda popular que deve ter surgido para explicar um curioso ritual que durou séculos: Todos os anos a população de Castelo Mendo enviava um grupo de rapazes nus da cintura para cima à festa da Senhora de Sacaparte, que se realiza numa aldeia vizinha chamada Alfaia-tes. O ritual manteve-se até ao dia em que um bispo muito severo proibiu os rapazes de aparecerem naquela figura — o que só aconteceu no fim do século XIX. Hoje em dia já não se fala na romaria dos seminus, mas a história do monstro e do ermitão continua a ser contada.

## O monstro e o ermitão

Há muitos, muitos anos, o povo de Castelo Mendo vivia apavorado porque, aos primeiros sinais de Primavera, desaparecia alguém sem deixar rasto. O primeiro a desaparecer foi o rapaz mais bonito da terra, e ainda se pensou que pudesse ter sido fuga ou então acidente provocado por causas naturais.

— Ele tinha olho vivo e pé ligeiro — diziam os mais velhos. — Se calhar meteu-se em alhadas por causa de alguma namorada e foi obrigado a fugir para não apanhar uma tarefa do pai dela.

— Impossível — diziam os mais novos. — Se fosse isso já se sabia, histórias dessas correm mais rápidas que o vento.

Não faltaram outras opiniões:

— O infeliz caiu por aí num poço ou num barranco, fartou-se de gritar e gemer mas ninguém o ouviu.

— Hum... Um rapaz tão ágil, tão forte, que conhecia tão bem os montes aqui à volta não se deixava morrer como qualquer raposa numa armadilha.

— Cá para mim — lamentava o melhor amigo — foram os lobos. Ele tinha a mania de ir passear sozinho por lugares desertos, bastava que estivesse lua cheia e ninguém o agarrava. Muitas vezes o avisei, não quis saber, acabou na barriga dos lobos.

Durante um ano inteiro se discutiu o misterioso desaparecimento sem se chegar a nenhuma conclusão. E para pasmo geral, na Primavera seguinte desapareceu outro rapaz sem deixar rasto. E o caso repetiu-se e voltou a repetir-se. Por isso, mal o campo se cobria de flores e chegavam as andorinhas, o povo, em vez de se alegrar, entrava em pânico.

— Quem será desta? Quem será desta?

As mães não largavam os filhos pequenos, os rapazes só saíam em grupo e até os velhos, à cautela, evitavam ir sozinhos para o campo. Mas apesar de todas



as precauções, antes que a Primavera desse lugar ao Verão era certo e sabido que desaparecia mais um rapaz de Castelo Mendo. Já em desespero, o povo resolveu consultar um velho, velhíssimo ermitão que vivia a muitas léguas da aldeia, encafuado numa dobra da serra, e que tinha fama de sábio. Os escolhidos para a consulta foram três homens, um viúvo, um casado e um solteiro. Embora fossem entendidos em dobras da serra, demoraram vários dias a encontrar a toca do ermitão. Verdade se diga que antes de verem a toca, viram-no a ele. Era alto e magro, vestia-se de farrapos, usava uma barba branca que lhe chegava quase aos joelhos e andava a recolher mel falando baixinho como se pudesse entender-se com as abelhas.

— Palpita-me que viemos ao sítio certo — disse o viúvo. — Um homem que já viveu tanto há-de ter respostas para muitas perguntas.

— Também acho — disse o casado. — Quem vive separado do mundo, sem mulher nem filhos, tem tempo e retempo para pensar nos mistérios da vida.

— Nesse caso — concluiu o solteiro —, se ele não nos puder ajudar, ninguém poderá.

O ermitão recebeu-os como se soubesse ao que vinham mas não falou logo no assunto; primeiro ofereceu-lhes frutos silvestres, leite de cabra e mel. Depois aceitou ouvi-los, mas em vez de responder ficou em silêncio, muito quieto, de olhar perdido no horizonte, até que o Sol baixou e se escondeu por trás do cume da serra. Nessa altura indicou-lhes um abrigo onde podiam passar a noite e prometeu dar a resposta certa de madrugada. Os três homens não tiveram outro remédio senão esperar. Nenhum deles pregou olho, e logo pela manhã plantaram-se diante do ermitão ansiosos pelas suas palavras.

Da boca do ermitão saiu uma lengalenga em verso que não só dava a chave do mistério como apresentava a solução:

*Nestas terras por azar  
Anda um monstro traiçoeiro  
Ai de quem ele avistar  
Que o engole logo inteiro.*

*Para este mal acabar  
Oçam-me bem esta rima  
Dezoito moços hão-de andar  
Nus da cintura para cima.*

*E assim mesmo hão-de aparecer  
À Senhora de Sacaparte  
Para o monstro ali vencer  
Apenas com esta arte.*



Os três homens agradeceram muito e voltaram num alvoroço para Castelo Mendo. O sineiro foi o primeiro a vê-los e correu para a torre da igreja a tocar a rebate. Toda a gente acorreu em ânsias e toda a gente quis ouvir a sentença vezes sem conta; repetiram e voltaram a repeti-la. Talvez por influência da rima, alguém concluiu elevando a voz acima das outras:

*Mandar moços seminus  
À Senhora de Sacaparte?  
Se essa é a solução  
Pois lá irão!*

E foram. Durante anos e anos, séculos e séculos, a população de Castelo Mendo enviou os mais belos rapazes da terra à festa da Senhora de Sacaparte, que se realiza numa aldeia vizinha de nome Alfaiates. Sempre nus da cintura para cima. Nunca ninguém viu o monstro mas ninguém duvidou do ermitão porque não houve mais desaparecimentos.

A romaria dos seminus só acabou há cerca de cem anos. Foi suspensa por ordem de um bispo que não era para brincadeiras.



## EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DE CASTELO MENDO

### ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES

Pré-História

### ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

O local onde hoje fica Castelo Mendo já era habitado na pré-história. Há vestígios de uma povoação — um castro — que data da época em que os homens descobriram a agricultura (Período Neolítico).

Romanos

No tempo em que os Romanos habitaram a Península Ibérica, as casas foram protegidas por três fileiras de muralhas. A zona ganhou importância por ser ponto de passagem de estradas romanas. Mas com as invasões dos Bárbaros perdeu a importância e o castelo ficou em ruínas.

Tempo dos Castelos  
Reconquista

O rei D. Sancho I, que passou à História com o cognome de *O Povoador*, fez de facto tudo o que pôde para povoar o seu reino. Uma das medidas foi dar condições especiais às famílias que se quisessem instalar em zonas desertas ou pouco povoadas. Foi o que aconteceu ali. Em 1186 o rei mandou reconstruir o castelo e deu carta de foral com benefícios para os moradores. Cinquenta anos depois o rei D. Sancho II fez o mesmo: obras na muralha, foral com mais regalias.

Primeira Dinastia

O nome de Castelo Mendo surgiu quando o rei D. Dinis (1295) enviou para lá um alcaide que se chamava Mendo Mendes. A fim de conseguir mais animação para aquela terra, D. Dinis autorizou que os habitantes organizassem uma feira com

[...]

[...]

a duração de quinze dias e concedeu benefícios a quem fosse lá comprar e vender.

O rei D. Fernando, que mandou restaurar muralhas por todo o país, não se esqueceu de Castelo Mendo. E ainda bem, pois assim a povoação pôde resistir aos ataques dos inimigos nas guerras com Castela.

**Tempo dos Descobrimentos**  
Segunda Dinastia

No tempo dos Descobrimentos ergueram-se novas construções em Castelo Mendo. Entre elas um pelourinho, que simbolizava a justiça e servia para castigar os condenados. Quem tivesse, por exemplo, que apanhar chicotadas, levava-as junto ao pelourinho e a população podia ir ver. O pelourinho de Castelo Mendo foi construído no tempo de D. Manuel I.

**Portugal unido à Espanha**  
Terceira Dinastia

No tempo dos Filipes, construíram-se várias casas em Castelo Mendo e um edifício para funcionar como tribunal.

**Últimos reis de Portugal**  
Quarta Dinastia

Castelo Mendo foi palco de intensos combates entre Portugueses e Castelhanos nas guerras da restauração da independência. E também entre Portugueses e Franceses, quando os exércitos de Napoleão invadiram Portugal. E ainda entre portugueses e portugueses durante a guerra civil que opôs liberais e absolutistas.

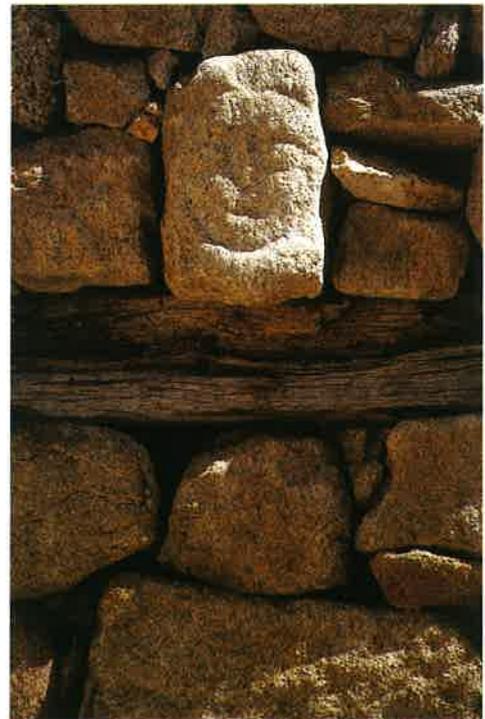


## CURIOSIDADES DE CASTELO MENDO



### O mendo e a menda

À entrada do castelo há duas figuras de animais talhadas em pedra. Estas figuras foram feitas por artistas celtas, resistiram ao tempo e quem construiu a muralha aproveitou-as como enfeite. O povo chama-lhes «o Mendo» e «a Menda».





### O pelourinho



O pelourinho tem 7 metros de altura e é rematado por uma espécie de gaiola em pedra. Assenta num pódio com seis degraus.



Nas ruas agora silenciosas de Castelo Mendo respira-se ainda a atmosfera do tempo dos castelos.

#### 🔗 **Outros castelos**

Perto de Castelo Mendo há outros castelos muito bonitos, como, por exemplo, o Castelo de Alfaiates e o de Sabugal.

#### 🔗 **Festas de Castelo Mendo**

- 24 de Julho – Festa de S. João
- Agosto – Festa de Santo António

---

**Rio mais próximo:** Côa

**Altitude:** 700 m

---

# CASTELO NOVO







As pragas de gafanhotos assustam os agricultores desde sempre e foram até incluídas nos relatos bíblicos.

Segundo a tradição, em tempos imemoriais Castelo Novo esteve ameaçado por uma autêntica nuvem de gafanhotos. E a destruição das colheitas só foi evitada porque o povo era muito religioso e saiu em procissão pedindo socorro a Nossa Senhora da Misericórdia.

No entanto, ao que parece, essa procissão teria sido sugerida por uma linda rapariga com fama de bruxa e estranhos poderes sobre a Natureza. O que não é para admirar, pois em todas as aldeias históricas as tradições religiosas convivem bem com as magias e sortilégios que ressaltam da própria terra.

## **Belisandra e a praga dos gafanhotos**

A meia légua da aldeia de Castelo Novo existiu em tempos uma pequena casa de pedra coberta de colmo onde nem sequer havia janelas, só porta. Essa casa pertencia a uma rapariga de nome Belisandra, que vivia na mais completa solidão devido à fama de bruxa que já atormentara a avó, já atormentara a mãe e agora pairava sobre ela como uma sombra negra. Verdade se diga que nunca nenhuma delas fizera mal a ninguém, mas o povo garantia que as três possuíam artes de dominar o sol e a chuva, a neve e o granizo e que podiam lançar mau-olhado sobre crianças e animais. Por isso evitavam Belisandra. Se ela se aproximasse para ir à fonte, as mulheres afastavam-se rapidamente. Se por um acaso entrava na venda, os homens saíam de imediato e o dono despachava-a o mais depressa possível. Logo que retomava o caminho de casa, explodia o falatório e toda a gente tinha histórias para contar, histórias longas com cenas arrepiantes que envolviam Belisandra, sua mãe Lisandra e sua avó Cassandra. Verdade se diga também que ninguém assistira às ditas cenas. Contavam de ouvir contar.

Se os estranhos poderes metiam medo, não deixavam de ser motivo de esperança em caso de aflição. Os homens e as mulheres de Castelo Novo, quando se sentiam apertados com problemas difíceis de resolver, pensavam assim:

«Quem domina o sol e a chuva há-de ser capaz de curar a minha doença, de trazer o meu noivo de volta, de ensinar a melhor maneira de fazer um filho rapaz, de conseguir livrar-me das dívidas, de dar bom rumo aos negócios...»

Esses pensamentos levavam cada um a afastar-se da aldeia pela calada da noite e a bater-lhe à porta com uma galinha, meia dúzia de ovos ou outro presente debaixo do braço. E cada um explicava ao que vinha sempre de olhos baixos, atrapalhado



com o encontro, envergonhado por recorrer a ela quando em frente dos outros a tratava tão mal.

Belisandra nunca se queixava. Recebia-os bem, ouvia o que lhe diziam sem fazer perguntas e depois, conforme o caso, oferecia chá de ervas, fazia rezas com as mãos estendidas sobre um caldeirão ou segredava conselhos usando apenas as palavras necessárias para se fazer entender. Mal obtinham o que desejavam, os visitantes nocturnos fugiam dali a sete pés, muitas vezes esquecendo-se até de agradecer. E se no dia seguinte ela fosse à aldeia, faziam grupo com os demais, viravam-lhe a cara e diziam mal dela, chamavam-lhe bruxa. Coitada da Belisandra! O único ser vivo que lhe dava carinho e lhe fazia companhia era um gato!

Certo dia, em tempo de colheitas, estando o campo coberto de belas searas e o povo a preparar-se animadamente para recolher os frutos do seu trabalho, surgiu no horizonte uma nuvem espessa que quase encobriu o sol.

Nos primeiros instantes ninguém percebeu do que se tratava. Mas à medida que a nuvem se foi aproximando tornou-se claro que vinha lá uma praga, a terrível praga dos gafanhotos. E então houve choros e gritos:

— Vão destruir as colheitas!

— Vamos ficar na miséria!

Quem nos acode, quem nos não acode, saltou para o terreiro o nome de Belisandra.

— Se tem poderes para afastar a chuva e trazer o sol, talvez possa livrar-nos dos gafanhotos.

Era a primeira vez que a evocavam em grupo sem ser para rir, fazer troça, dizer mal. E foi a primeira vez que em grupo lhe bateram à porta à luz do dia. Cheios de vergonha e cheios de medo de que aproveitasse estarem todos juntos para se vingar do desprezo a que a tinham votado a ela, Belisandra, à sua mãe Lisandra e à sua avó Cassandra. Se o fizesse, não se poderiam admirar. Mas admirados ficaram com o remédio que lhes indicou:

— Façam uma procissão à Senhora da Misericórdia, que só Nossa Senhora da Misericórdia nos pode valer.

Assim se fez, e foi remédio santo. Ainda a procissão ia no adro e já os gafanhotos caíam mortos às centenas, aos milhares, aos milhões.

O povo prometeu fazer a mesma procissão todos os anos em Setembro e cumpriu, porque a romaria continuou a realizar-se até aos nossos dias.

Quanto à vida de Belisandra, não mudou completamente mas mudou o suficiente para ser mais feliz.

E o caso passou de boca em boca, de pais para filhos, de avós para netos. E sempre com a mesma interrogação: como pode uma mulher cristã dominar as forças da Natureza?



**ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES****ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES**

---

Pré-História

A zona onde hoje fica Castelo Novo já era habitada no Período Neolítico.

---

Romanos

Nesta zona os Romanos dedicaram-se à exploração de minas. Ainda hoje se encontram por lá vestígios dessa actividade.

---

Mouros

Pensa-se que um antigo lagar em pedra situado na actual Rua da Lagariça é do tempo dos Mouros.

---

Tempo dos Castelos

Reconquista Cristã

Primeira Dinastia

No tempo de D. Sancho I a povoação chamava-se Alpreada e as terras em redor pertenciam a um nobre muito rico, D. Pedro Guterres, e à sua mulher, Ausenda Soares. Alguns historiadores consideram que foi este cavaleiro quem mandou construir o castelo. Outros atribuem a iniciativa a Gualdim Pais, Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários. De qualquer forma, não há dúvida de que o nome da povoação mudou na época em que se construiu o castelo. Em vez de Alpreada passou a ser conhecida por Castelo Novo, não só porque já tinha castelo mas porque lá perto existia outro castelo mais antigo que ficou abandonado. No ano de 1290 reinava D. Dinis e Castelo Novo estava a precisar de obras e de mais gente. O rei encarregou-se do assunto, mandou reparar as muralhas e deu privilégios aos que para lá quisessem ir viver, registando tudo numa carta de foral. Também se preocupou com o rendimento que a terra podia dar e mandou que por lá se plantassem castanheiros. A ideia revelou-se excelente, as árvores deram-se bem e em poucos anos formaram-se lindos soutos.

---

Tempo

dos Descobrimentos

Segunda Dinastia

Em plena época dos Descobrimentos, quando D. Manuel I, *o Venturoso*, tinha a seu cargo os destinos do país, realizaram-se grandes obras no castelo e ergueu-se um pelourinho. A população recebeu nova carta de foral.

---

Últimos reis de Portugal

Quarta Dinastia

A Igreja Matriz e um chafariz construíram-se no tempo do rei português que mais vezes viu os seus cofres encherem-se com o ouro e as pedras preciosas do Brasil — o rei D. João V. Mas a terra viria a sofrer um forte abalo poucos anos depois. No dia 1 de Novembro de 1755 o pavoroso terramoto que destruiu Lisboa e sacudiu o país inteiro causou danos tremendos em muitos locais e deixou Castelo Novo em ruínas.

---

República

Só se realizaram obras de restauro no castelo em meados do século xx.



### Estrada romana

Os vestígios de estradas romanas são sempre prova concreta de que os Romanos estiveram na zona.



### Torre de menagem

A torre de menagem era a mais alta, a mais forte, a mais sólida do castelo. Lá de cima avistavam-se os inimigos a tempo de preparar a defesa. Se as coisas corressem mal servia de último refúgio aos habitantes.





### ☞ **Largo da Bica**

No Largo da Bica podem admirar-se construções erguidas no tempo de quatro reis:

A torre de menagem – rei D. Sancho I

A casa – rei D. Dinis

Enfeites na casa e pelourinho – rei D. Manuel I

Chafariz – rei D. João V

### ☞ **Capela de Nossa Senhora da Serra**

A capela de Nossa Senhora da Serra é uma gruta escavada na rocha «Cabeça da Penha».



### ☞ **Uma casa com muitos nomes**

Esta casa, construída há mais de 300 anos, tem quatro nomes. E os nomes indicam a que famílias pertenceu:

- ☞ Casa da família Falcão;
- ☞ Solar de D. Silvestre;
- ☞ Solar do Visconde de Trancoso;
- ☞ Solar da Duquesa de Pozem.

### ☞ **Festas de Castelo Novo**

- ☞ Setembro – Romaria de Nossa Senhora da Misericórdia
- ☞ Páscoa – Romaria de Nossa Senhora da Serra

---

**Rio mais próximo:** Ribeira de Alpreada  
Ribeira Gualdim

**Altitude:** 703 metros

---

# CASTELO RODRIGO







A lenda «Amar Ofa» baseia-se em factos históricos relacionados com a expulsão dos Judeus pelos reis católicos de Espanha e com a vinda de muitos desses judeus (cerca de quinze mil famílias) para Portugal no reinado de D. João II, que os acolheu e protegeu.

Segundo a tradição, o caso de amor entre um cavaleiro cristão e a linda filha de um rico judeu que se refugiou em Castelo Rodrigo é que deu origem ao nome da serra onde se ergue a aldeia: serra da Marofa.

## A m a r O f a

Há cerca de quinhentos anos chegou a Castelo Rodrigo um judeu muito rico chamado Zacuto. Tinha sido expulso pelos reis de Espanha e escolhera aquela aldeia portuguesa para se instalar. Era um homem viúvo e de poucas falas mas sabia fazer negócios. Pouco tempo depois de ter aparecido na aldeia pela primeira vez, já era dono de muitas terras, comprara rebanhos e mandara construir uma casa esplêndida. Os vizinhos estranharam. Se não tinha família, para quê uma casa tão grande? Depressa se percebeu a razão. Assim que a obra ficou pronta chegaram várias carroças em que viajavam homens e mulheres acompanhados de muita bagagem, que incluía camas, arcas, caixotes de livros e peças como nunca antes se tinha visto por aquelas bandas. A caravana despertou enorme curiosidade entre a população. Afinal o homem tinha muitos parentes!

Os rapazes mais atrevidos da aldeia foram oferecer-se para ajudar a descarregar a mobília, e quando toda a gente esperava que eles voltassem para jantar com novidades sobre o grupo recém-chegado e sobre os seus haveres, eles só falavam de uma única pessoa: a filha de Zacuto.

— Chama-se Ofa e é a rapariga mais bonita que alguma vez existiu.

— Tem olhos luminosos...

— E cabelos de seda...

— A boca parece uma rosa.

A descrição deixou os pais confusos e inquietos. Confusos porque na verdade não percebiam como era afinal a tal Ofa. Cabelos de seda, boca de rosa e olhos luminosos não chegam para compor um retrato. Mas não havia dúvida de que os rapazes em idade de casar se mostravam entusiasmados, e isso tornava-se motivo de inquietação, porque ninguém aceitaria de bom grado ver o seu filho desposar uma menina que não era cristã. Compreende-se pois que ficassem em ânsias para a ver e poderem avaliar se de facto representava um perigo para o sossego da pacata terra onde viviam ou se o entusiasmo seria passageiro.





No dia em que ela saiu pela primeira vez a passear com as tias, foi um alvoroço. Homens, mulheres e crianças corriam para a porta, debruçavam-se nas janelas, acenavam de forma amistosa. Alguns foram cumprimentá-la, outros mandaram crianças oferecer flores e pequenos presentes. Elas ficaram contentíssimas com o acolhimento e concluíram que Zacuto acertara em cheio na escolha da aldeia.

— Aqui seremos felizes — suspirou Ofa de regresso a casa. — No meio destes vizinhos podemos viver descansados e sem problemas.

Como se enganava! Desde esse primeiro passeio o que não faltou foram problemas, e tudo à conta da sua beleza. Os rapazes rondavam-lhe a porta, mandavam recados, pagavam à criada para lhe entregar bilhetes de amor. O pai, que nunca deixaria a filha casar com um cristão, passou a andar nervosíssimo, tornou-se muito severo e exigiu que as tias não a largassem nem um minuto. E as tias cumpriam as ordens à risca. A certa altura nem à janela a deixavam chegar. Mas como o fruto proibido é o mais apetecido, as rondas continuaram. A fama da linda judia fechada a sete chaves espalhou-se pelas aldeias em redor e chegou aos ouvidos do fidalgo das Cinco Vilas, um rapaz conhecido pela sua ousadia e pela imensa fortuna dos pais. Como tinha a mania de que conseguia tudo o que os outros não conseguiam, fez uma aposta com os amigos:

— Hei-de jantar com ela à mesa ainda antes do Inverno.

Os outros riram-se, chamaram-lhe gabarola, disseram que tal refeição era impossível, o que só contribuiu para tornar o desafio mais excitante. Dia após dia, noite após noite, o fidalgo das Cinco Vilas foi congeminando e pondo em prática um plano bem engendrado:

«Zacuto negoceia gado, não resistirá à proposta de um bom negócio.»

Procurou-o então, mas bem longe de casa para que ele não sonhasse que queria ver a filha. Falou de rebanhos como quem percebe do assunto, fez propostas e acertou preços que muito agradaram a Zacuto. Negócio feito, afastou-se como se mais nada lhe interessasse. Mas passou a cruzar-se regularmente com o velho judeu, sempre longe de casa, sempre como se fosse por acaso e sempre à espera de uma boa oportunidade para lhe prestar um favor. Como a oportunidade nunca mais surgia, decidiu provocá-la:

«Zacuto costuma regressar a casa sozinho ao pôr do Sol. Vou contratar homens para fingirem que são salteadores e lhe montarem uma emboscada. Quando ele estiver bem aflito, salto-lhes ao caminho e finjo que o salvo.»

O plano resultou em cheio e até excedeu as expectativas porque o fidalgo, depois de ter simulado uma luta que pôs os malfeitores em fuga, atirou-se para o chão gemendo como se estivesse ferido. Escusado será dizer que Zacuto o levou para casa, disposto a tratá-lo como a um verdadeiro amigo.

Ao entrar na cozinha do velho judeu, o fidalgo das Cinco Vilas esfregava as mãos de contente.

«Ganhei a aposta, ganhei a aposta», pensava de si para consigo, já a imaginar a cara dos amigos quando lhes contasse os pormenores da sua façanha. Espe-

rava que Ofa aparecesse e se sentasse à mesa para dar o caso por concluído. Não esperava é que nesse preciso momento o caso tomasse novo rumo...

Os olhos luminosos, o cabelo de seda e a boca de rosa tiveram um efeito fulminante no fidalgo das Cinco Vilas. Foi amor à primeira vista. Ou melhor, paixão à primeira vista. Tão forte, tão forte que ele chegou a convencer-se de que estava mesmo doente, de tal forma lhe doía o peito e batia o coração.

— Estou com febre — balbuciou entredentes.

Ofa aproximou-se sorrindo delicadamente, pôs-lhe a mão na testa e também ela estremeceu. Seria do contacto com a pele morna daquele belo cavaleiro? Ou dos olhares lancinantes que ele lhe deitou? Nisto de amores ninguém sabe ao certo como é que acontecem, mas também ela se apaixonou à primeira vista.

Daquela dia em diante nem pai severo, nem tias vigilantes, nem medos, nem proibições, nada conseguiu separá-los, pois eram dois a imaginar planos habilidosos para se encontrarem às escondidas.

Os amigos do fidalgo das Cinco Vilas, quando o viam ataviar-se e partir sem dizer para onde ia, comentavam entre si com admiração e uma ponta de inveja:

— Lá vai ele amar Ofa.

Mas como não queriam denunciá-lo, se estivesse mais gente por ali limitavam-se a mastigar sons que para os estranhos não tinham significado, pois soavam «Marofa».

O romance veio a ter um final feliz. Segundo a tradição, quando os judeus foram obrigados a aceitar a religião cristã se não queriam ser expulsos de Portugal, Zacuto, embora contrariado, lá foi à igreja com a filha e todos os parentes para se baptizarem. E então desapareceu o obstáculo da religião. Ele e os pais do fidalgo das Cinco Vilas ficaram sem motivo para impedir o casamento. Como eram todos muito ricos, o casamento realizou-se no Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, seguindo-se três dias e três noites de festejos. Durante o banquete, os amigos do cavaleiro fartaram-se de brindar aos noivos gritando «Marofa... Marofa...» entre gargalhadas. Os outros convidados acharam graça e desataram a cantar em coro: «Marofa... Marofa...»

A palavra ficou ligada a momentos felizes, tornou-se símbolo de alegria e deu nome à serra de Castelo Rodrigo: serra da Marofa.



## EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DE CASTELO RODRIGO



### ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES

Pré-História

Romanos

### ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

Antes da descoberta da agricultura já os homens passavam temporadas na zona onde hoje é Castelo Rodrigo. Há vestígios desse período (Período Paleolítico).

A zona foi com certeza muito povoada no tempo dos Romanos, pois existem nada mais nada menos do que dezassete estações arqueológicas onde as escavações deixaram à mostra vestígios

[...]

[...]

---

**Mouros**

---

---

Tempo dos Castelos

Primeira Dinastia

de casas romanas. Os especialistas pensam que deve ter havido também uma muralha.

Os Mouros também se instalaram em Castelo Rodrigo e há vestígios da sua presença na cisterna e nas casas que existem no interior do castelo.

Antes de Portugal se tornar um reino independente, houve um cristão que atacou os Mouros e conquistou esta povoação. Esse homem era um importante fidalgo do reino de Leão e chamava-se Rodrigo González Girón. Depois da luta tratou de construir um castelo sobre um rochedo e chamou gente para que a terra não ficasse deserta. Este episódio deu origem ao nome «Castelo Rodrigo».

Apesar dos cuidados, os Mouros voltaram a atacar e foi D. Afonso Henriques, já como rei de Portugal, que os expulsou. Mas o vaivém de Mouros e Cristãos ainda não tinha terminado; só no tempo de D. Sancho I (1209) se efectuou a conquista definitiva. No entanto, só com o Tratado de Alcanizes (1297), assinado por D. Dinis e pelo rei de Castela, é que passou a pertencer oficialmente a Portugal. Nessa altura as muralhas estavam danificadas e receberam obras de reparação.

O rei D. Fernando, além de mandar reforçar as muralhas, autorizou os moradores a organizarem uma feira por mês a fim de animar e enriquecer a população.

---

Tempo

dos Descobrimentos

Segunda Dinastia

Durante a crise de 1383-1385, quando o trono de Portugal ficou vago, Castelo Rodrigo tomou o partido de D. Beatriz, que estava casada com o rei de Castela. Por isso, logo que D. João I subiu ao trono decidiu castigar a vila e exigiu que nunca mais usassem o brasão real na posição certa; deviam usá-lo de pernas para o ar. Nesta época a maior parte dos habitantes abandonou a terra e Castelo Rodrigo transformou-se numa espécie de vila fantasma. Só bastantes anos depois seria repovoada por ordem de D. Manuel I.

---

Portugal unido à Espanha

Terceira Dinastia

O rei Filipe II fez questão de recompensar os portugueses que o ajudaram a ocupar o trono de Portugal sem luta. Um desses portugueses chamava-se Cristóvão de Moura e recebeu o condado de Castelo Rodrigo. Satisfeitíssimo, logo mandou erguer um magnífico palácio para si e para a sua família dentro das muralhas.

---

Últimos reis de Portugal

Quarta Dinastia

Os Portugueses restauraram a independência no dia 1 de Dezembro de 1640. E no dia 10 já a população de Castelo Rodrigo estava a incendiar o palácio mandado erguer por Cristóvão de Moura, pois consideravam-no traidor.

Os ânimos ficaram ao rubro e a coragem daquela gente viria a ser posta à prova nas guerras da restauração. Em 1664 os Castelhanos atacaram em força. Apesar de só estarem cento e cinquenta homens de armas disponíveis, a população resistiu e, mal chegaram reforços, travou-se uma sangrenta batalha junto do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar. A vitória dos Portugueses foi retumbante e os chefes do exército inimigo só conseguiram escapar fugindo disfarçados de frades.



### **Castelo Rodrigo**

O castelo tem 13 torreões e 3 portas: a Porta do Sol, a Porta de Alverca e a Porta da Traição.

Esta última, que, como o nome indica, podia servir para fugas precipitadas, dá acesso a um túnel.



A três quilómetros de Figueira de Castelo Rodrigo fica o Mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Foi um centro religioso muito importante. Ali viveu o famoso historiador Frei Bernardo de Brito.



#### **Rua da Sinagoga e poço cisterna**

O nome da rua lembra que ali viveu uma importante comunidade de judeus, pois uma Sinagoga é um templo judaico.

#### **Igreja matriz**

A igreja matriz foi fundada há mais de oitocentos anos (1192) e destinava-se essencialmente a dar apoio aos peregrinos que iam a Santiago de Compostela. Ao longo dos séculos foi sendo enriquecida.





### Pelourinho

O pelourinho, símbolo da justiça, assenta num pódio de cinco degraus.



### Palácio de Cristóvão de Moura

O palácio de Cristóvão de Moura ficou em ruínas a 10 de Dezembro de 1640. O povo, enquanto atiçava o fogo, berrava a plenos pulmões: «Traidores! Traidores!»



### **Festas de Castelo Rodrigo**

- 15 de Agosto – Festa de Santa Maria de Aguiar
- Outubro – Festa de Nossa Senhora do Rosário

---

**Altitude:** entre 770 e 720 metros

---

# IDANHA-A-VELHA







«O relógio de sol» é uma história divertida em torno das questões que se levantam no contacto entre pessoas com culturas diferentes.

Os Lusitanos resistiram durante muito tempo à invasão romana. Mas depois de vencidos acabaram por se deixar envolver no ambiente de paz e prosperidade que os Romanos desejavam estender a todo o Império. E beneficiaram das vantagens de uma civilização superior.

## O relógio de sol

Quando os Romanos venceram finalmente os Lusitanos, depois de séculos de luta, julgaram que os seus problemas tinham acabado. Bastava fazer perceber àquele povo que o facto de se integrarem num grande império só lhes trazia vantagens e que, aceitando as regras próprias da sua extraordinária civilização, viveriam muito melhor. Confiavam na arte dos construtores de estradas e de pontes para deslumbrar as tribos mais rebeldes.

Um desses construtores, homem hábil, despachado, competente na organização do trabalho e na orientação dos homens, que já tinha dado boas provas noutros locais, foi enviado para a povoação de Egitânia a fim de ali erguer uma ponte resistente e sólida, imaginada para durar uma eternidade, como todas as construções romanas. Chamava-se esse construtor Quintus Lallius e aceitou o encargo com a maior alegria. Sempre gostara de conhecer novas terras e novas gentes; partiu com a certeza de se dar bem, e deu. Os habitantes de Egitânia eram muito simpáticos, muito acolhedores e dispuseram-se logo a colaborar na obra. Uma estrada e uma ponte vinham mesmo a calhar! Mas os problemas surgiram assim que começou o trabalho.

Quintus Lallius estava habituado a um certo ritmo de vida, fazia questão de cumprir o que combinava e não tinha paciência para demoras inúteis. Só que os afáveis egitanos pareciam não entender questões de tempo. Se combinavam trazer pedras pela manhã, o mais certo era só aparecerem à tarde, ou à noite ou mesmo no dia seguinte. E descarregavam a encomenda muito risonhos sem dar qualquer importância ao atraso.

— Isto não pode ser — ralhava Quintus Lallius. — É uma perda de tempo!

Em vez de se mostrarem incomodados, os egitanos fartavam-se de rir como se lhes tivesse dito uma graça:

— Perder, perde-se um cabrito, ou uma ovelha, uma capa. Agora tempo nunca falta, porque atrás de tempo tempo vem.

Ele desesperava-se. Se pensavam assim, como haviam de se entender? Talvez falando com os mais novos. Experimentou então oferecer galos às famílias onde



havia rapazes que trabalhavam na ponte e convenceu-os a levantarem-se da cama quando o galo cantasse. Assim, em vez de ficarem uns à espera dos outros, podiam meter mãos à obra a uma hora certa.

No primeiro dia até resultou, porque os rapazes acharam piada à novidade. Mal ouviram «cócóricó» pularam da cama e, mais coisa menos coisa, chegaram todos juntos à margem do rio. Quintus Lallius esfregou as mãos de contente.

— Foi um primeiro passo, já não é mau.

Mas depressa voltou tudo ao mesmo sem que ele percebesse porquê.

— Então o galo? — perguntou a um.

— Não sei, acho que não cantou. Ou então já me acostumei ao canto e não acordo.

— E tu? — perguntou a outro. — Por que chegaste tão tarde?

— Porque a minha mãe matou o galo para o comermos ao jantar. Se nos quiser dar outro...

Que dor de cabeça para o engenheiro Quintus Lallius, que tanto se orgulhava do seu saber, da sua capacidade de resolver problemas, da rapidez com que costumava deixar obra pronta!

«Estes egitanos dão-me cabo da paciência. E o pior é que os lusitanos são quase todos iguais», lamentava-se por escrito nas cartas que enviava à mulher. «Talvez seja preferível vires ter comigo, porque se estamos à espera que a obra acabe nunca mais nos encontramos!»

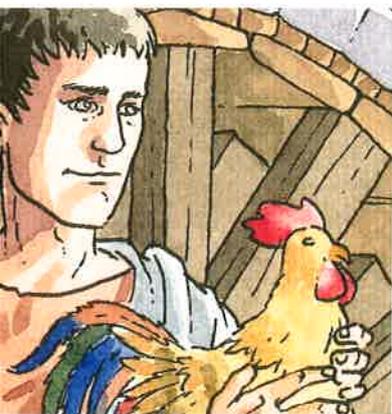
A mulher, que era bastante despachada, não precisou de mais chamamento para ir ter com o marido. Também ela se sentiu bem entre aquela gente tão simpática quanto indisciplinada. Apreciou-lhes as qualidades e entendeu que os defeitos não eram de molde a corrigirem-se de um dia para o outro. Foi portanto ela quem o aconselhou:

— Por que não lhes ofereces um relógio de sol? Talvez com a continuação se habituem a respeitar as horas...

Quintus Lallius achou a ideia excelente. Mandou talhar o relógio, ele próprio quis enfiar-lhe o espigão cuja sombra indicaria a sucessão das horas. E para não ser mal interpretado, para que não julgassem que queria impor as suas regras à força, mandou gravar na pedra o seguinte:

«Quintus Lallius, cidadão  
de Mérida Augusta, deu de  
boa vontade um relógio  
de sol aos Egitanos».

As palavras foram escritas em latim. E, tal como a ponte, e muitas outras obras dos Romanos, aguentaram dois mil anos. Ainda hoje a inscrição pode ser admirada por todos os que visitarem a terra que actualmente se chama Idanha-a-Velha.





## ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES

## ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

---

Pré-História

Tanto quanto se sabe, a primeira povoação a erguer-se no local onde hoje fica Idanha-a-Velha foi obra dos Lusitanos.

---

Romanos

Os Romanos chamaram à tribo que ali vivia «Igaeditani», ou seja, Egitanos. A partir da altura em que conquistaram a terra foi-se instalando por lá bastante gente, e, como se tornou ponto de passagem numa estrada que ligava o Norte e o Sul da Península, desenvolveu-se imenso. No tempo dos Romanos a terra ficou a chamar-se Civitas Igaeditanorum, o que significa «Cidade dos Egitanos». E desse tempo, mais precisamente do ano 16 a.C., ficou um texto em latim gravado na pedra. O texto, traduzido para português, diz o seguinte:

«Quintus Lallius, cidadão de Mérida Augusta, deu de boa vontade um relógio de sol aos Egitanos». Palavras simples que têm graça porque lembram um gesto de amizade e nos fazem sentir próximos da população que ali viveu há mais de dois mil anos.

---

Os Bárbaros

No ano de 420 d.C. a cidade foi invadida e incendiada pelos Suevos. No ano de 534 d.C. chegaram os Visigodos, que trataram de a reconstruir. O nome foi alterado; passou a chamar-se Egitânia. Pouco tempo depois de os Visigodos se converterem à religião cristã já havia um bispo em Egitânia.

---

Os Mouros

Quando chegaram os Mouros, no ano de 713, a cidade voltou a ser destruída, mas numa segunda fase até se desenvolveu muito. A igreja foi adaptada para mesquita, a muralha foi enriquecida com torres circulares que ainda hoje existem. O nome da cidade aproximou-se do que viria a ficar, pois os Mouros chamavam-lhe Idânia.

---

Tempo dos Castelos

Reconquista

Primeira Dinastia

Antes de Portugal se tornar independente, os cristãos apoderaram-se duas vezes de Egitânia: primeiro, por obra do rei Afonso Magno de Leão, que a conquistou. Depois, na época do Condado Portucalense, D. Teresa doou a cidade a um nobre chamado Egas Gosendiz. No documento de doação está escrito que a cidade se encontrava deserta. D. Afonso Henriques veio a entregar a cidade aos cavaleiros Templários para que melhor a desenvolvessem e defendessem. Apesar disso, os Mouros voltaram a ocupar o castelo e a dança das conquistas/reconquistas continuou até ao reinado de D. Sancho II. Só então, no ano de 1240, ficou integrada definitivamente no reino de Portugal. Claro que, com tantas lutas, a população partira para longe. Foram os cavaleiros Templários que trataram do repovoamento e da reconstrução. Ainda lá está uma torre de pedra construída pelos Templários. O rei D. Dinis, quando transferiu as riquezas dos Templários para a Ordem de Cristo, incluiu Idanha.

---

Tempo

dos Descobrimentos

Segunda Dinastia

D. Manuel I renovou o foral da terra e mandou construir o pelourinho.



### **Ponte romana sobre o rio Ponsul**

Esta ponte, toda em pedra, foi construída pelos Romanos.



### **Torre dos Templários**

A torre construída pelos cavaleiros Templários foi erguida sobre um pódio que no tempo dos Romanos servia de base a um templo dedicado à deusa Vénus.



## Sé-Catedral



## Pelourinho

O pelourinho tem a esfera armilar e a cruz de Cristo, símbolos usados no reinado de D. Manuel I.

## Festas de Idanha-a-Velha

 Maio – Festa de Nossa Senhora da Conceição

---

Rio mais próximo: Rio Ponsul

---



 **Porta da muralha romana**

# LINHARES DA BEIRA







A história da Batalha da Lua Nova baseia-se em factos reais. Segundo a tradição, no tempo do rei D. Sancho I o rei de Leão invadiu Portugal na intenção de atacar Celorico da Beira.

O alcaide mandou pedir ajuda ao irmão, que era também alcaide mas em Linhares da Beira. Juntaram homens e forças e usaram uma tática que o inimigo não esperava: em vez de se fecharem a sete chaves dentro do castelo, saíram ao encontro do exército leonês aproveitando o facto de a noite estar escura por ser lua nova.

A tática deu bom resultado, os Portugueses venceram e o rei D. Sancho I mandou incluir a lua e as estrelas no brasão de armas de Linhares e Celorico em memória da batalha nocturna.

## A Batalha da Lua Nova

Naquela noite D. Rodrigo Mendes não conseguia dormir e não sabia porquê. Estava de perfeita saúde, nenhum problema o afligia e nem sequer tinha comido de mais, como às vezes acontecia... Depois de muitas voltas na cama, resolveu levantar-se. Ao apoiar os pés no chão de pedra sentiu um arrepio pelo corpo acima que não podia ser de frio porque se estava em pleno mês de Agosto e até fazia bastante calor. Num gesto instintivo puxou o lençol e aconchegou-se no pano de linho como se precisasse de se proteger.

«Mas proteger contra quê?», perguntou a si próprio em voz baixa.

Inquieto, começou a andar de um lado para o outro dentro do quarto. A certa altura fartou-se de ver as mesmas paredes e saiu para o pátio. Àquela hora toda a gente dormia no castelo de Linhares. Toda a gente menos os homens que se encontravam de guarda, as sentinelas. D. Rodrigo ainda pensou que eles iam ficar assustados quando vissem um vulto branco aparecer no meio da noite.

«Se calhar julgam que sou alguma alma do outro mundo.»

Deteve-se um instante, hesitando em voltar para trás e vestir-se ou continuar o passeio conforme estava.

«Se se assustarem, paciência. Eu sou o chefe deste castelo, sou o alcaide, posso passear à noite como bem me apetecer.»

Avançou portanto, quase divertido com a ideia de pregar um susto aos soldados. Mas onde é que eles estavam? Subiu à muralha e nada. Entrou nos torreões, ninguém. Apurou o ouvido a fim de captar o som dos passos, das botas raspando na pedra. Para seu grande espanto, em vez disso pareceu-lhe captar o ruído inconfundível de um cavalo a galope: «Catapan... catapan... catapan...»



«Quem diabo virá por aí a uma hora destas?»

Debruçou-se nas ameias, mas a noite estava escura, não havia luar, era impossível ver quem se aproximava. No entanto, fosse quem fosse, dirigia-se ao castelo, vinha a cavalo e com pressa. Talvez fosse melhor gritar pelas sentinelas:

— Sentinela alerta! — berrou a plenos pulmões.

A resposta não se fez esperar. E as palavras soaram entremeadas com mastigadelas:

— Alerta está!

— Ah, malandros! Em vez de guardarem o castelo, foram para o comilanço.

Tencionava passar-lhes um raspanete mas não houve tempo porque o cavaleiro se aproximou da porta, saltou para o chão e desatou a chamar em altos gritos:

— D. Rodrigo! D. Rodrigo! Trago uma mensagem urgente do vosso irmão. D. Gonçalo Mendes precisa de ajuda.

O mensageiro resfolegava quase tanto como o cavalo, numa imensa aflição. O alcaide correu a recebê-lo, seguido pelas sentinelas atarantadas. Mal a porta se abriu a luz dos archotes mostrou a cara lívida do mensageiro e o cabelo empastado em suor.

— Martim? Que foi que aconteceu?

A respiração ofegante não permitia ao dito Martim que se explicasse.

— Más notícias, más notícias — balbuciou.

O ar apavorado fez com que o alcaide temesse o pior:

— Atacaram o castelo de Celorico? Mataram o meu irmão?

— Não... não...

— Então o que é que foi? Desembucha!

O recém-chegado apoiou-se na parede, respirou fundo para recuperar o fôlego e por fim explicou-se:

— Soubemos de fonte segura que um exército do rei de Leão avança sobre o castelo de Celorico da Beira. Não temos homens suficientes para lhes fazer frente. Nem homens nem armas. Vosso irmão pede ajuda em nome do nosso soberano el-rei D. Sancho I!

Não foi preciso dizer mais nada para que o castelo de Linhares entrasse em alvoroço. Gritos, berros, chamamentos. Corrierias pelos pátios e cavaliças. Tilintar de espadas, armaduras, capacetes e elmos arrancados à pressa dos suportes, tampas de arcas largadas com estrondo, enfim, uma azáfama de preparativos para a luta, que a uns enchia de pavor e a outros de frenesim. Pouco depois da chegada do mensageiro, já lá ia um grupo de cavaleiros armados até aos dentes, todos dispostos a vencer ou morrer. O alcaide de Celorico esperava-os fora das muralhas, rodeado pelos seus homens. Quando percebeu que o irmão se aproximava foi ao seu encontro. Rodrigo Mendes alegrou-se de o ver mas estranhou que tivesse abandonado a protecção das muralhas.

— Não seria melhor esperar os inimigos dentro do castelo?

— Seria, se estivéssemos em condições de aguentar o cerco. Mas tem sido um



Verão de seca, a cisterna está quase vazia, e além de faltar água também faltam mantimentos. Fechados lá dentro acabávamos por ter de nos render. A única solução é cairmos em cima do inimigo de surpresa.

Rodrigo acenou que sim mas alguém se queixou em voz alta:

— O pior é a escuridão.

— Não digas isso — replicou D. Rodrigo. — A lua nova será nossa aliada. Lembrem-se de que nós conhecemos bem o terreno e os invasores não.

A afirmação pronta levantou o ânimo aos mais desconfiados. Todos ergueram a cabeça para o céu negro e aveludado, onde brilhavam apenas estrelas, milhões de estrelas. Fez-se silêncio à espera da ordem de marcha. E a ordem foi dada em voz baixa, como convém num ataque relâmpago.

Nessa noite, a coberto da escuridão, os irmãos Rodrigo e Gonçalo, ambos alcaides de castelos da Beira, obtiveram para o rei de Portugal uma estrondosa vitória que pôs os inimigos em fuga. O exército de Leão só parou quando se viu a salvo para lá da fronteira.

E os soldados portugueses festejaram a batalha nocturna lembrando uns aos outros:

— A lua nova foi nossa aliada!



## EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DE LINHARES DA BEIRA

### ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES

Pré-História

Os Romanos

Bárbaros

Mouros

Tempo dos Castelos

Reconquista

Primeira Dinastia

### ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

Tanto quanto se sabe, esta povoação foi fundada pelos Túrdulos, um povo que habitou o Sul da Península Ibérica 580 anos antes de Cristo nascer. Mais tarde foi habitada pelos Lusitanos.

Os Romanos conquistaram-na e chamaram-lhe Leniobriga.

O sufixo «briga» significa lugar fortificado ou fortaleza.

A cidade ganhou importância por ficar situada na estrada que ligava Mérida a Braga. Alguns vestígios das construções desta época chegaram aos nossos dias.

Os Visigodos ocuparam esta cidade entre os séculos VI e VII d.C.

Desenvolveram-na ao ponto de ali se instalar um bispo.

Conforme aconteceu em toda esta zona, também aqui se repetiu o vaivém de conquistas e reconquistas entre Mouros e Cristãos.

Afonso Magno, do reino de Leão, tinha conquistado esta cidade

aos Mouros mas voltou a perdê-la. Quem a arrebatou

definitivamente foi D. Afonso Henriques em 1169

(26 anos depois de conseguir a independência de Portugal).

Neste caso decidiu não dar a terra a nenhum nobre; preferiu

ficar com ela para si e deu carta de foral aos moradores.

Mas as lutas continuaram, não com os Mouros mas com

exércitos de Leão e Castela, que invadiram a Beira no tempo

de D. Sancho I. É dessa época a história da batalha nocturna que [...]

[...]

Tempo dos Descobrimentos  
Segunda Dinastia

levou a incluir na bandeira a imagem da lua e de cinco estrelas. O castelo actual foi construído por ordem de D. Dinis. Ergueu-se sobre os restos de casas lusitanas. D. Fernando veio a doar esta terra à sua única filha bastarda, Dona Isabel. O nome Linhares surgiu por haver em redor muitos campos cultivados de linho.

Quando o trono de Portugal ficou vago, o alcaide de Linhares tomou o partido da princesa Beatriz, casada com o rei de Castela. Assim, quando D. João I se sentou no trono, não quis nada com este alcaide e doou as terras a Martim Vasques da Cunha. No ano de 1411 passou a fazer parte do imenso lote de 97 terras da Beira que o rei doou ao seu filho, o famoso Infante D. Henrique, primeiro organizador dos Descobrimentos portugueses. A época de ouro dos Descobrimentos, ou seja, o reinado de D. Manuel I, foi também a época de ouro de Linhares. Nessa altura a população em geral vivia com desafogo e tinha-se instalado na terra uma importante comunidade judaica.

O título de Conde de Linhares foi criado por D. João III e dado a D. António de Noronha.

Portugal unido à Espanha  
Terceira Dinastia

A família dos condes de Linhares apoiou a aclamação dos reis espanhóis, os Filipes.

Últimos reis de Portugal  
Quarta Dinastia

A 1 de Dezembro de 1640 Portugal restaurou a independência. O rei escolhido foi D. João IV, que retirou títulos e bens aos nobres que tinham tomado o partido de Castela e os deu a partidários da independência. As terras do conde de Linhares passaram para o filho segundo do próprio rei. Quanto ao título, passou para a família Sousa Coutinho. Nos séculos XVIII e XIX várias famílias nobres, como os Pina Aragão, Corte-Real e Brandão de Melo, mandaram construir em Linhares belos solares.



### Estrada romana

Vestígios da estrada romana que passava por Linhares.



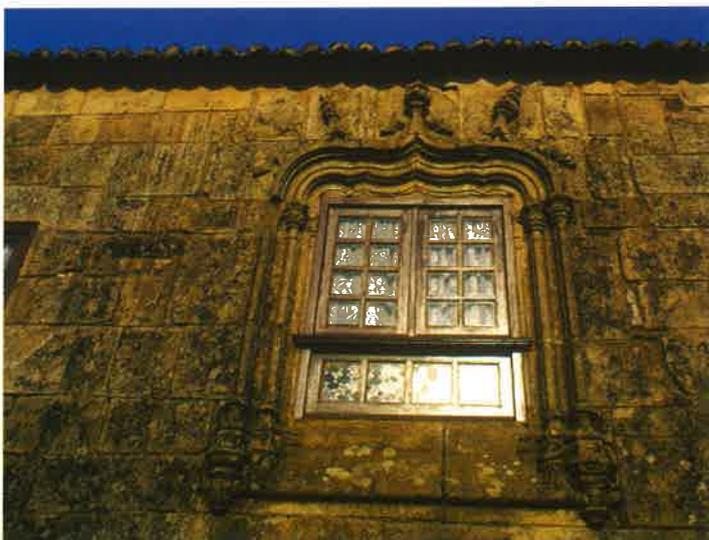


### Castelo de Linhares

O castelo de Linhares foi mandado construir por D. Dinis e sofreu alterações ao longo dos séculos.

### Casa manuelina

A casa manuelina, que tem uma bonita janela em estilo manuelino, era o local de oração dos judeus, ou seja, a sinagoga.



### ☞ Casa Fortaleza

Segundo a tradição, nesta casa viveu uma figura lendária, D. Lopa. Mais tarde funcionou como albergaria para acolher viajantes e como hospital da Misericórdia. Tinha uma «roda de expostos» onde foram colocadas muitas crianças abandonadas.

### ☞ Ruínas do solar dos Corte-Real

Esta casa pertenceu à família dos Corte-Real, navegadores que se pensa terem descoberto a Terra Nova.



### ☞ Festas de Linhares da Beira

■ Agosto – Open de pára-pente

---

**Rio mais próximo:** Ribeira de Linhares

**Altitude:** 810 metros

---

# MARIALVA







Maria Alva é uma lenda que foi transmitida de boca em boca ao longo de séculos e com variações. Obviamente surgiu para explicar a origem do nome da terra, mas na verdade tem muito a ver com as histórias e lendas imaginadas na Idade Média, o Tempo dos Castelos.

## Maria Alva

Em tempos que já lá vão, a torre do castelo foi habitada por uma princesa tão linda, tão loira e de pele tão branca que toda a gente lhe chamava Maria Alva. A princesa aparecia à janela várias vezes por dia mas nunca saía da torre para fazer visitas, dar um passeio ou ir à igreja. Talvez por isso mesmo a sua fama correu de terra em terra e não faltavam cavaleiros embasbacados diante da torre à espera que ela aparecesse à janela. Alguns tentaram a sorte enviando-lhe presentes, outros preferiam cantar belas canções ao luar ou escrever bilhetinhos de amor, aos quais juntavam anéis de ouro fino, brincos de brilhantes faiscantes ou saquinhos de veludo carregados de moedas de ouro para mostrarem ao mesmo tempo a sua paixão e a sua riqueza. Maria Alva parecia não se impressionar. Segundo contavam os criados, remexia nos presentes, às vezes até se enfeitava com as jóias e pedia que lhe trouxessem espelhos, mas no dia seguinte devolvia tudo e aparecia à janela meia tristonha e acenando ao cavaleiro desiludido. Certo dia declarou:

— Só caso com quem me oferecer um par de sapatos à medida do meu pé.

Aquela declaração fez com que os sapateiros da terra e das terras vizinhas esfregassem as mãos de contentes, pois choveram encomendas de sapatos pequenos, médios, grandes, lisos e com enfeites, de biqueira afiada, redonda e quadrada, em cor natural ou tingidos cor de céu, cor de chuva, cor de vento em dia de tempestade, em todos os tons do arco-íris. Nenhum sapateiro se fez rogado e até houve um, o famoso Ramiro, que se divertiu bastante a espicaçar os fregueses:

— Se ela faz tanto mistério à conta dos pés é porque os tem bem pequeninos. Encomende o senhor uns sapatos de boneca e vai ver que acerta.

Mal o freguês saía, a conversa mudava e ao seguinte dizia precisamente o contrário:

— Se ela faz tanto mistério à conta dos pés que nem se deixa ver por inteiro na rua, é porque os tem tão grandes que sente vergonha. Leve-lhe o senhor um par grandalhão que não só acerta na medida como lhe faz perceber que sabe do problema dos pés e não faz caso disso.



Quase todos aceitavam as sugestões, e o bom do Ramiro fartou-se de ganhar dinheiro. Mas os sapatos vinham todos para trás, às vezes embrulhados e devolvidos pela mão de um criado, outras atirados pela janela com gargalhadas de troça.

O único que não desistiu foi um príncipe tão esperto, tão esperto, que tinha ganhado a alcunha de *Olhos de Falcão*. Ao contrário dos outros, resolveu não mandar modelos à toa. Em vez disso, pagou a um criado para ele espalhar cinza junto à cama da princesa. Quando ela se levantasse, havia de deixar uma pegada no chão, e assim o criado poderia tirar o molde.

O expediente resultou, mas ao verem a forma do pé, criado e príncipe ficaram de boca aberta:

— A princesa tem pés de burro! — exclamou o criado, ainda mal refeito da surpresa.

— Por esta é que eu não esperava! — exclamou o príncipe, arrepiado.

— Eu não volto a entrar naquela torre, porque pés de burro em corpo de gente é marca do demónio. Esqueça esta princesa, senhor.

Como o príncipe pareceu hesitar, o criado pensou que estivesse com pena da princesa:

— Fique descansado que eu não conto nada a ninguém. Basta que me dê trabalho lá no seu palácio e a minha boca nunca se abrirá.

*Olhos de Falcão* não respondeu, deu-lhe o dobro da quantia prometida e afastou-se levando consigo o desenho. Pouco depois batia à porta do sapateiro.

— Aí tem o formato do pé da princesa Maria Alva. Faça-me uns sapatos que lhe sirvam no cabedal mais macio que tiver.

Ramiro não queria acreditar no que os seus olhos viam:

— Sapatos para calçar pé de burro? Isso é marca do diabo, senhor!

— Pede o preço que quiseres mas faz-me a obra.

O sapateiro franziu-se, pensou, pensou e resolveu arriscar:

— Faço a obra se me encher esta arca até acima, metade com moedas de ouro e metade com moedas de prata.

— Assim será — anuiu *Olhos de Falcão*. — Amanhã mesmo, antes que o Sol se levante, terás o que pediste.

Nessa noite o sapateiro não pregou olho.

«Haverá preço que pague fazer a gente sapatos para o diabo?», pensava revolvendo-se na cama. «Ora... Maria Alva é tão linda e tão boa, não pode ser o diabo. Aquilo é defeito de nascença.»

Bem tentava convencer-se a si próprio, mas as dúvidas não paravam de o atormentar.

«Se ela é o diabo vai-me arrastar para o Inferno, a mim e à minha família. A não ser que eu dê muitas esmolas aos pobres e parte das moedas à Igreja.»

Outra dúvida surgia então:

«Bastará dar moedas de prata? Ou só me salvo se der também moedas de ouro?»



Nenhuma das dúvidas estava esclarecida quando viu pela frente o príncipe *Olhos de Falcão*. Trazia com ele uma mula com duas sacas no lombo. E mal as virou para dentro da arca, o sapateiro Ramiro estremeceu de emoção. Aquele tilintar era irresistível! Embora lhe tremessem as mãos e suasse em bica, atirou-se ao trabalho, mas antes benzeu-se três vezes, pediu protecção a Nossa Senhora dos Remédios e tentou justificar-se com Santiago:

— Eu sou um pobre sapateiro, não posso recusar boas encomendas. Além disso, só fabrico sapatos, o uso que lhes dão não me diz respeito...

Três dias depois estava a obra pronta e o príncipe apressou-se a ir pessoalmente entregar os estranhos sapatinhos redondos com sola própria para receber um casco. Satisfeito da vida, ficou bem perto da torre. Queria ver a reacção da sua amada Maria Alva. E a reacção não se fez esperar. Ouvia-se um estrondo medonho, um grito agudo, e começaram a sair faíscas e rolos de fumo pela janela da torre. Toda a gente fugiu espavorida menos ele. Por isso foi o único a ver Maria Alva mais linda do que nunca, feliz e contente, aparecer não à janela mas sim à porta! Caminhava descalça, em bicos de pés, e que pezinhos delicados!

*Olhos de Falcão* avançou para ela de braços abertos, Maria Alva deixou-se abraçar e agradeceu:

— Obrigada, obrigada por quebrares o encanto!

— Qual encanto? — perguntou o príncipe, admirado.

— Um feitiço terrível de uma bruxa malvada que se fechou comigo na torre transformou os meus pés em cascos e ainda fez troça de mim.

— Fez troça de ti porquê?

— Porque prometeu libertar-me numa condição impossível. Tinha que receber de presente um par de sapatos à minha medida. Ora ninguém sonhava que eu tinha pés de burro. E se alguém descobrisse já não me mandava presente nenhum, pois cascos de animal em corpo humano costuma ser sinal de pacto com o Diabo.

O príncipe respirou fundo e abraçou-a ainda mais.

— O verdadeiro amor a tudo resiste e vence o próprio Diabo se preciso for.

*Olhos de Falcão* casou com a princesa e foram felizes para sempre. O sapateiro deixou de trabalhar, fez uma peregrinação a Santiago de Compostela e no regresso mandou construir uma bela casa de pedra para viver à larga com a família. Consta que nunca confessou a origem da fortuna. Quanto aos sapatos, ficaram pendurados na pedra da lareira como prova de que a paixão tem mais força do que o mal. E a terra tomou o nome da linda princesa: Marialva.





### ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES

Pré-História

Romanos

Bárbaros

Mouros

Tempo dos Castelos

Primeira Dinastia

Descobrimentos

Segunda Dinastia

Últimos reis de Portugal

Quarta Dinastia

### ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

O primeiro nome que esta povoação teve foi Aravor. A palavra significa «da alta colina», e realmente situa-se num elegante planalto. Os fundadores foram os Túrdulos, povo que habitou o Sul da Península Ibérica.

Quando chegaram os Romanos o nome sofreu alterações, pois passou a ser usado em latim: «Civitas Aravorum», que significa cidade dos Aravos. Nesta época o castelo foi reconstruído, fizeram-se estradas, um enorme tanque para banhos públicos (a célebre «naumaquia») de que ainda restam vestígios, etc.

No século VI os Visigodos instalaram-se, e como se tinham convertido ao Cristianismo chamaram à terra Monte de São Justo.

Os Mouros chamavam-lhe Malva.

Antes da formação de Portugal, o rei D. Fernando Magno de Leão conquistou Malva, e há quem diga que surgiu nessa época o nome Marialva, mas não é certo. Durante as lutas entre os primeiros reis de Portugal e os Mouros, a terra praticamente despovoou-se. Houve tentativas várias para reforçar as muralhas e chamar gente no tempo de D. Afonso Henriques, D. Sancho I e D. Afonso II. Só no tempo de D. Dinis se conseguiu estabilidade, porque tinham terminado as lutas com os Mouros. Para que a terra se desenvolvesse mais depressa, o rei concedeu-lhe uma carta de feira e mandou fazer obras importantes no castelo.

O rei D. Afonso V criou o título de Conde de Marialva e deu-o a D. Vasco Coutinho. No tempo de D. João II instalou-se em Marialva uma comunidade judaica. D. Manuel I deu carta de foral a Marialva em 1511.

D. Afonso VI transformou o título de conde de Marialva em marquês de Marialva e entregou-o a D. António Luís de Menezes como recompensa por ter tido um papel importante na Revolução de 1640. Este tornou-se um dos títulos mais importantes do reino. Foi o filho do quarto marquês de Marialva que, segundo a tradição, morreu na arena na última corrida de touros de morte em Salvaterra de Magos.



### **Naumaquia**

A naumaquia era um lago artificial construído pelos Romanos para captar águas que depois eram canalizadas através de aquedutos para abastecer os banhos públicos da cidade. Tem 5 a 6 metros de profundidade e capacidade para dez mil pipas de água.

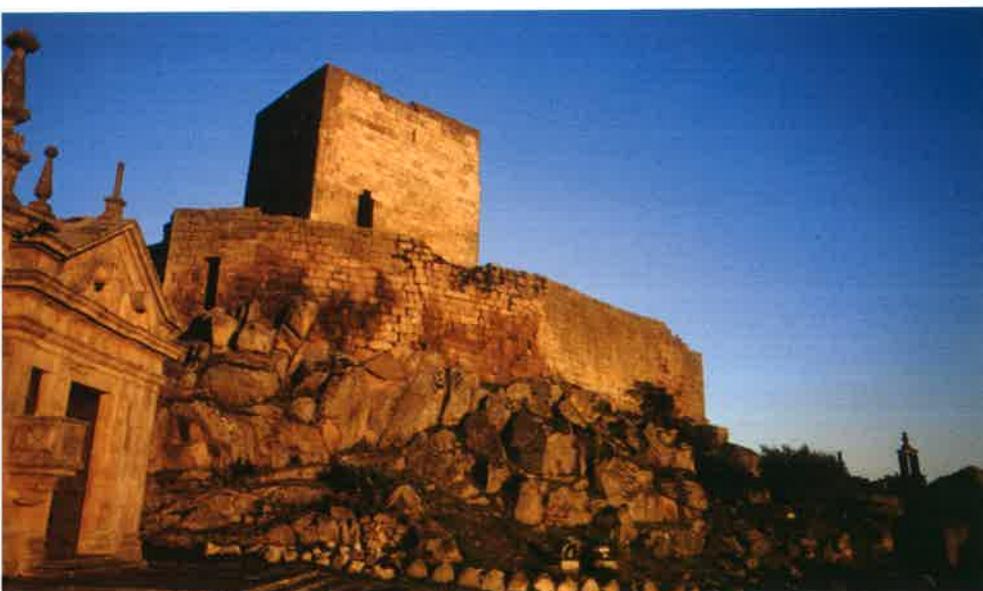
### **Castelo**

O castelo tem três portas: Porta do Anjo da Guarda ou de São Miguel, Porta do Monte ou de Santa Maria e Porta da Traição.



### **Torre de menagem**

Segundo a tradição, foi nesta torre de menagem que viveu a princesa Maria Alva.





**Capela de Nossa Senhora de Lurdes ou de São João Baptista**

Entre esta capela e as muralhas há várias sepulturas escavadas na pedra.

**Antiga Casa da Câmara**

Este edifício foi construído nos séculos XVI e XVII.



**Festas**

- 25 de Julho – Feira de Santiago
- Agosto – Festa de Nossa Senhora

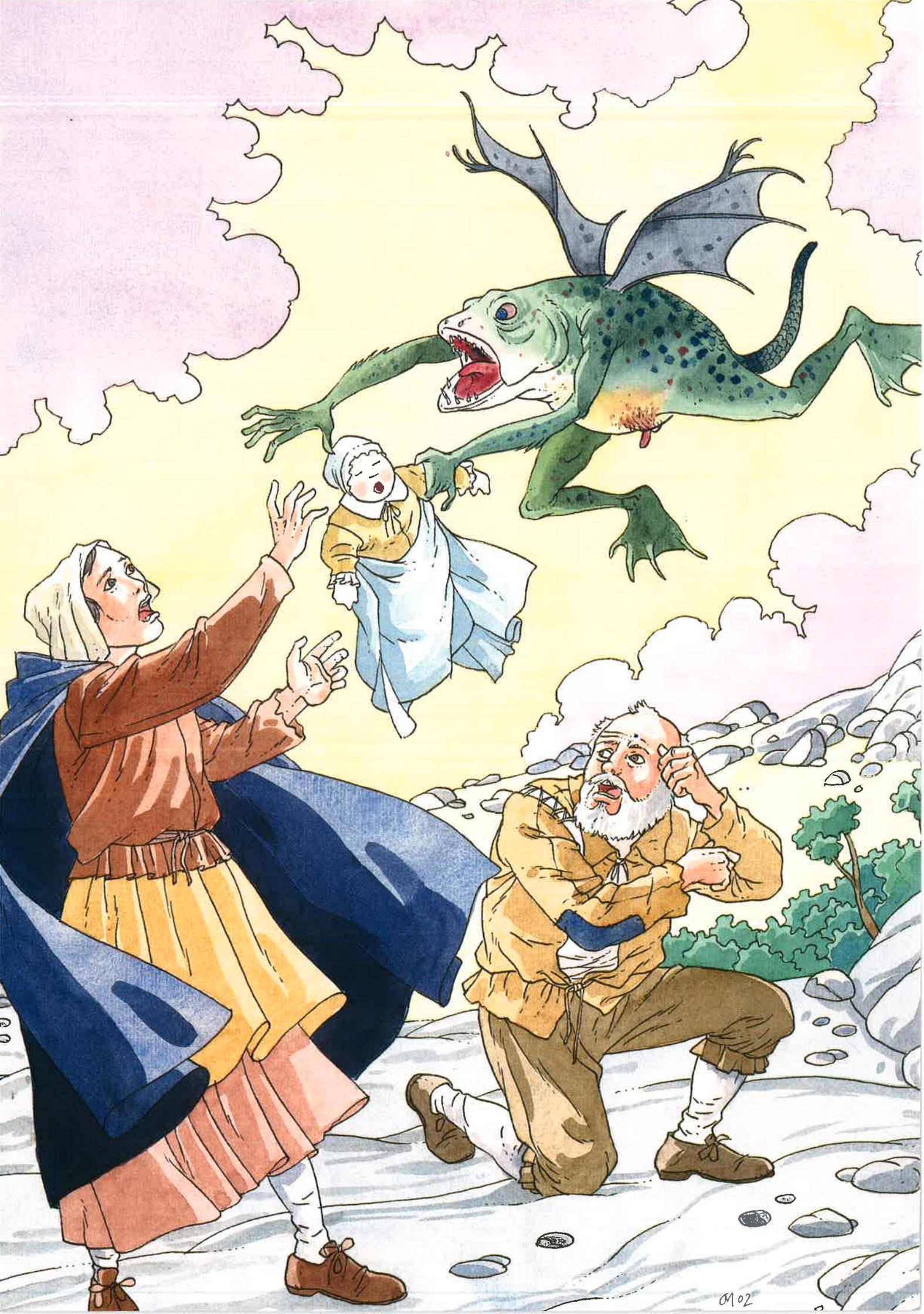
---

**Rio mais próximo:** Ribeira de Marialva

---

# MONSANTO







São Pedro de Vir-a-Corça é uma lenda de tradição religiosa popular. Inclui crenças antigas que envolvem o pavor dos demónios, o temor das pragas, o receio de ver as crianças inocentes serem castigadas por causa das más acções dos pais.

A presença de um homem solitário com fama de santo é uma constante, a construção de ermidas em memória dos milagres que lhe são atribuídos também.

A Capela de São Pedro de Vir-a-Corça existe e pode ser visitada.

## São Pedro de Vir-a-Corça

Na casa mais escondida da aldeia vivia uma mulher chamada Ricarda, que tinha um feitio horrível. À mínima contrariedade punha-se a barafustar com as vizinhas e não era preciso muito para passar aos insultos. Escusado será dizer que a família se cansou e os amigos também. A única pessoa que ainda a olhava com bondade era um santo homem que ninguém sabia de onde viera e que habitava uma pequena gruta escavada na rocha. O povo não lhe conhecia o nome, mas como ele dizia que amava Deus, as pessoas, os animais e tudo o que existia na Natureza, ficou conhecido por Amador. A sua cara serena de sorriso simpático, os seus modos delicados e a inteligência que revelava em todas as conversas contribuíram para que a gruta se tornasse lugar de visita constante. Apareciam por lá homens, mulheres e crianças para contarem problemas e pedirem conselhos, e ele atendia-os sempre com infinita paciência, só aceitando como pagamento água fresca para encher a bilha, pão ou, em casos excepcionais, uma peça de fruta.

Ricarda pouco visitava Amador, e mesmo quando lá ia não mudava de atitude. Queixava-se de toda a gente, e se o bom homem procurava acalmá-la reagia muito mal:

— Não comece por aí a defender essas malvadas das minhas vizinhas...

Quanto mais ele tentasse fazê-la compreender que a culpa das zangas não podia ser sempre dos outros, mais depressa ela perdia a cabeça e desatava a praguejar:

— Ainda hei-de ver um raio incendiar esta aldeia!

Ao ouvir aquilo, Amador estremeia dos pés à cabeça, benzia-se e ralhava:

— Ricarda, não deves praguejar. Lembra-te de que o mal se pode virar contra ti...

Mas de nada serviam ralhos e conselhos, porque Ricarda fazia orelhas moucas. Tão mau ambiente criou, tantos inimigos arranjou, que um dia viu-se obrigada a partir para longe. Quando voltou trazia um filho pequeno nos braços e a mesma



raiva no coração. Conforme seria de esperar, Amador foi o único habitante da aldeia que se interessou por ela e pela criança. Chamou-a, pediu para ver o menino, disse que o queria baptizar. Em vez de aproveitar a amizade que lhe era oferecida, Ricarda virou a cara e respondeu torto:

— Deixe-me. Eu não preciso das suas falinhas mansas!

Amador não desistiu logo:

— Ricarda, Ricarda... Lembra-te de que o teu filho precisa de amigos na terra.

Ela enfureceu-se e praguejou de novo.

— Arranjar amigos, este chorão que me dá cabo do juízo? Mais depressa arranja diabos que o levem para o inferno.

Nesse momento levantou-se um vendaval, o Sol desapareceu atrás de uma nuvem avermelhada e ecoaram pelo ar silvos e gargalhadas sinistras:

— Ah! Ah! Ah!

Esgazeado de aflição, Amador viu um bando de demónios voadores precipitarem-se lá do alto, arrebataram o menino e partiram envoltos em nuvens de poeira suja, amarelada, com cheiro a enxofre. Ainda não iam longe, o chão abriu-se, engoliu a mulher de um trago e voltou a fechar-se sem deixar marca de fenómeno tão extraordinário. Amador caiu de joelhos balbuciando rezas por aquele pobre inocente que ia para o inferno por culpa da mãe. E rezou com tanto fervor que a prece foi atendida. Antes de se transformarem em fumo, os diabos soltaram a criança, que caiu numa rocha sem sofrer uma beliscadura. Amador recolheu-o na gruta, fez-lhe muitas festas e muitos carinhos. O pior foi quando o menino começou a chorar com fome.

— S. Pedro me valha! — implorou.

Palavras não eram ditas, já ali aparecia uma corça de olhar manso, pronta a dar o seu leite para alimentar o menino.

O povo da aldeia soube, correu à gruta, e apesar da má recordação que a mãe deixara houve várias mulheres que tinham filhos pequenos e se ofereceram para criar aquele. Amador recusou:

— Enquanto a corça aqui vier dar leite, ele fica comigo.

Ora a corça nunca faltou. Dia após dia lá estava ela, a horas certas. O menino foi crescendo, afeiçoou-se a Amador, e apesar dos convites nunca quis deixar o seu grande amigo. Ali ficaram juntos, isolados do mundo, praticando o bem e dando tão bons conselhos que ambos adquiriram fama de santos.

Junto à gruta veio a erguer-se uma pequena capela que ainda hoje lá está e se chama Ermida de São Pedro de Vir-a-Corça.



**ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES****ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES**

Pré-História

O local onde hoje se ergue Monsanto apresenta vestígios da presença humana desde o tempo do homem das cavernas — Período Paleolítico. Os Lusitanos habitaram a zona e ali construíram um castro, ou seja, uma povoação rodeada de muralhas.

Romanos

Os Romanos conquistaram a terra e da sua ocupação ainda restam ruínas de casas e de termas.

Bárbaros

Os Visigodos ocuparam a zona e cristianizaram-na.

Mouros

Os Mouros apropriaram-se do castelo quando dominaram a Península Ibérica.

Tempo dos Castelos

Monsanto foi conquistada aos Mouros por D. Afonso Henriques em 1165, ou seja, 22 anos depois de Portugal se tornar independente. O castelo e as terras em redor foram doados a Gualdim Pais, Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários. D. Sancho I mandou restaurar as muralhas. D. Dinis, para que a terra se desenvolvesse, deu aos moradores uma carta de feira em 1308, ordenando que se realizasse junto da Capela de São Pedro de Vir-a-Corça.

Primeira Dinastia

Descobrimentos

D. Manuel I deu carta de foral a Monsanto, mandou construir um pelourinho e elevou Monsanto à categoria de vila.

Segunda Dinastia

Últimos reis de Portugal

No reinado de D. Pedro II os Espanhóis envolveram-se numa guerra civil porque havia dois candidatos ao trono. Portugal participou nessa guerra e uma das terras que muito sofreu foi Monsanto. Os Espanhóis atacaram, chegaram a ocupar o castelo, mas os Portugueses, comandados pelo marquês de Minas, conseguiram expulsá-los. No século XIX, em plena noite de Natal, um enorme estrondo afligiu a população. Mas não se tratava de guerra e sim de uma tremenda explosão no paiol de pólvora. Parte do castelo ruiu; só ficaram duas torres de pé, a torre do Peão e a torre de menagem. Também resistiu uma pequena capela do século XII, a Capela de São Miguel.

Quarta Dinastia

República

No século XX Monsanto foi considerada a «aldeia mais portuguesa de Portugal» e ganhou o «Galo de Prata».



### Castelo

Apesar da explosão que destruiu parte do castelo, o que resta continua admirável. E do alto das muralhas a vista é deslumbrante.





### **Ermida de São Pedro de Vir-a-Corça**

Esta ermida está ligada à lenda mais conhecida da terra.



### **Casa integrada na rocha**

Algumas casas foram construídas aproveitando enormes pedregulhos já existentes.

### Túmulos

No castelo, à volta da Capela de São Miguel há túmulos escavados na rocha em cujo interior se desenha o contorno do corpo humano.

### Festas

-  Maio – Festa da Senhora do Castelo
-  Setembro – Romaria de Nossa Senhora da Azenha
-  13 de Junho – Feira da Cereja

---

**Rio mais próximo:** Erges

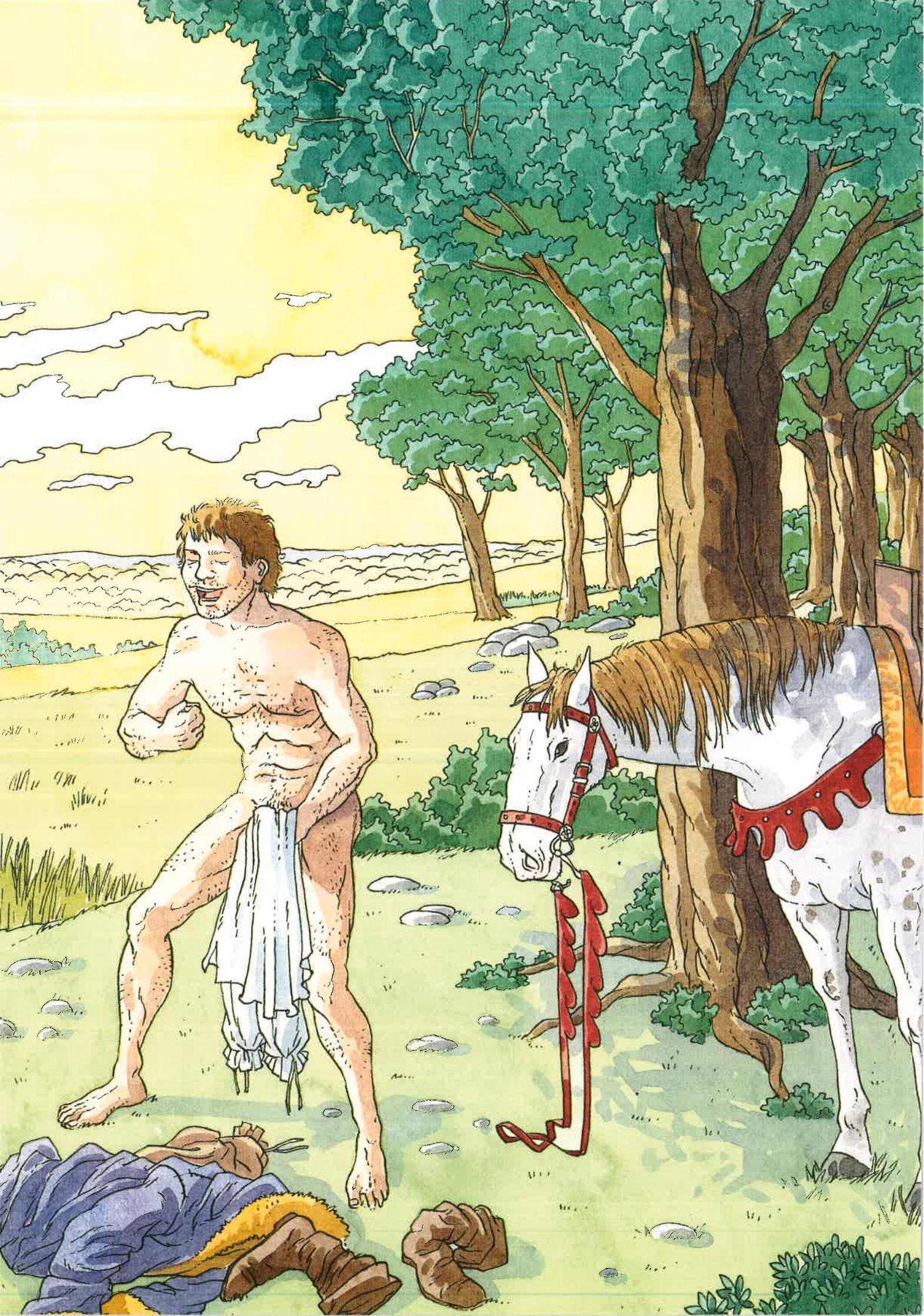
**Altitude:** 758 metros

---



# PIÓDÃO







«Dois reis enganados por um mendigo» é uma história baseada em factos reais: Os três nobres que assassinaram Inês de Castro refugiaram-se em Castela para escapar à justiça. O rei de Castela considerou que o crime cometido em Portugal não lhe dizia respeito, recebeu-os como era costume receber grandes senhores e garantiu-lhes protecção.

Quando D. Pedro subiu ao trono quis vingar a morte da sua amada Inês e propôs ao rei de Castela um pacto: se lhe entregasse os três criminosos ele também devolveria nobres castelhanos que tinham vindo para Portugal fugidos à justiça. O rei aceitou o pacto e mandou prender os homens a quem prometera protecção. Mas um deles, Diogo Lopes Pacheco, conseguiu escapar graças à ajuda de um pobre mendigo chamado Garcia, que o adorava porque ele sempre o tratara muito bem.

Segundo consta, Diogo Lopes Pacheco viveu muito tempo escondido na encosta inacessível de um vale isolado onde só de longe em longe apareciam silenciosos pastores ou fora-da-lei, gente que não fazia perguntas. É nesse lugar que se ergue a aldeia de Piódão. E quem lá vai, mesmo que não conheça estas histórias antigas, logo se sente envolvido por uma atmosfera carregada de segredos.



## Dois reis enganados por um mendigo

Garcia revolveu-se na palha que lhe servia de cama e cerrou os olhos com força numa tentativa vã para continuar a dormir. Ao menos enquanto dormia tudo lhe corria bem. O estábulo era quente mesmo no Inverno e as vacas tinham-se habituado à sua presença. Olhavam-no pacíficas sem tugar nem mugir enquanto ele lhes retirava leite à socapa para se banquetear na escuridão. Gostava do odor forte a estrume e a feno, do aconchego ao canto das manjedouras. Desde que o fidalgo português o autorizara a passar as noites debaixo daquele tecto, sentia-se feliz como se tivesse uma casa. Os criados estranhavam tanta benevolência do senhor e não poupavam troças, remoques e até insultos. Chamavam-lhe cachorro, vadio, vagabundo. Com isso até nem se importava grandemente porque afinal o cachorro é um animal tão digno como qualquer outro. Quanto a vadio e vagabundo, só por serem tolos é que não entendiam que se tratava da mesma coisa dita de duas maneiras, que desperdício! Mas ofendia-se quando berravam: «Manco... Manco!» Parecia-lhe desleal que lhe atirassem à cara um defeito de nascença. Ele não tinha culpa de que as pernas não fossem as duas do mesmo tamanho e já sofria bastante por

causa da enfermidade, não precisavam de lha lembrar. Conhecendo como conhecia a maldade humana, há muito que decidira não reagir. Ou ignorava os insultos ou dava espectáculo, arrastando-se e gritando com eles: «Cá vai o manco, senhores, olhem para o manco.» Deste modo fingia participar na brincadeira e a brincadeira perdia a graça. Assim, deixavam-no em paz. Às vezes perguntava a si próprio se nenhuma daquelas almas teria coração capaz de sentir pena de um pobre coxo. E observava-os de soslaio. Talvez não fossem más pessoas, agora brutos eram, sem dúvida nenhuma.

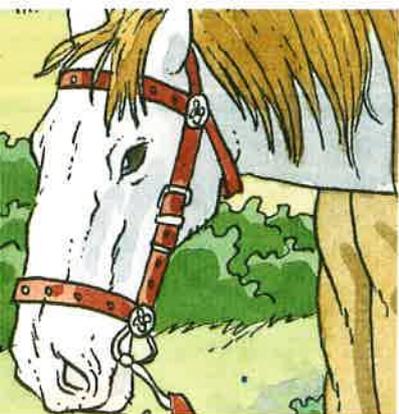
Nos últimos tempos, porém, a vida trouxera-lhe uma lufada de ar fresco na pessoa daquele fidalgo português, D. Diogo Lopes Pacheco, fugido do país por ter matado uma mulher, e logo que mulher! Nada mais, nada menos do que a bem-amada do príncipe herdeiro do reino de Portugal. Seria verdade? Pensara e repensara no assunto sem chegar a nenhuma conclusão. Custava a crer que um nobre, um cavaleiro, apunhalasse a sangue-frio uma mulher indefesa. E por outro lado, quem ousasse desafiar assim o futuro rei só arranjava lenha para se queimar. Parecia-lhe portanto quase impossível que alguém no seu juízo perfeito cometesse semelhante loucura.

D. Diogo era afável, simpático, e pelo menos diante dele, Garcia, comportava-se sempre como um homem de bem, temente a Deus, generoso. Dava-lhe esmola todos os dias se preciso fosse, e desde aquela bendita tarde em que se encontraram por acaso no adro da igreja, onde um grande grupo jogava aos dados, e no meio da balbúrdia acabaram a jogar também, ficaram amigos. Se é que existe amizade entre um senhor e um pedinte... O certo é que a partir de então tinham jogado muitas vezes quando D. Diogo saía a tomar o fresco na praça central, procurava distrair-se na estalagem da vila ou o mandava chamar ao pátio da casa grande onde vivia com a sua gente, porque lhe apreciava a mão certa, habilidosa no fazer rolar os dados sobre o tampo de uma mesa qualquer, fosse ela de madeira ou de pedra. E ele regalava-se. Além de tudo o mais, por causa dos pedaços de broa e das canecas de vinho que iam circulando a eito durante o jogo.

O melhor, no entanto, fora a autorização para dormir no estábulo quando lhe apetecesse. Autorização saborosa porque espontânea e gratuita. De um momento para o outro adquirira um tecto sem ter que o pedir. Agora, ao fim do dia recolhia ao seu canto, fechava a porta e estendia-se ao comprido na palha, muito quieto e atento aos mínimos ruídos dos animais que lhe faziam companhia. Partilhavam o espaço num silêncio harmonioso e pacífico, tão suave, tão bom, que D. Diogo podia contar com eterna gratidão.

O Sol já se levantara em força e deviam estar a aparecer os criados para tratar das vacas. Tinha que sair dali se queria evitar os dichotes do costume.

Remexeu-se de novo à procura da energia necessária para se erguer e enfrentar mais uma jornada provavelmente igual a todas as outras, mas o corpo continuou preguiçosamente estendido e a energia diluiu-se nos planos mentais que ia



fazendo para cada músculo. Sem se mexer, imaginava: «Primeiro dobro as pernas, depois levanto o tronco e apoio-me nos cotovelos, dessa posição já pouco falta para ficar de pé, basta o arranque final.» E lá continuava refastelado, a cabeça muito bem encaixada no rolo de trapos velhos que serviam de travesseiro na perfeição. Resolveu aguardar que um raio de luz se infiltrasse por aquela nesga que se abria no telhado de colmo, vindo bater-lhe em cheio na testa.

«Nessa altura levanto-me, antes não», repetiu de si para consigo, imóvel e de olhos fechados para evitar que algum estímulo exterior o obrigasse a mudar de ideias. Parecia ele que adivinhava! Não foi a vista, foram os ouvidos que deram o alerta.

Lá fora estalara grande algazarra, primeiro cavalos a galope, depois cornetas, vozearia, gritaria, enfim, uma barulheira dos diabos que até levantava um morto se ainda lhe restasse a mínima parcela de curiosidade. Num ápice já estava lá fora também, ansioso como toda a gente, sem entender por que raio apareciam assim de repente naquela vilória pacata tantos mensageiros e guardas reais.

A explicação, no entanto, era bem simples: o rei de Portugal tinha morrido e subira ao trono o príncipe herdeiro mais os planos de vingança que lhe envenenavam o coração. D. Pedro queria julgar e condenar os três fidalgos responsáveis pela morte de Inês, a sua bem-amada. Esquecera as juras de perdão feitas diante do pai e apressara-se a negociar com o rei de Castela uma troca de refugiados. As prisões seriam de surpresa no mesmo dia e à mesma hora, para que ninguém escapasse à justiça. Naquela manhã, portanto, do outro lado da fronteira haviam de andar mensageiros e guardas a cavalo vasculhando com igual alarido uma pacata vila a fim de capturarem fidalgos castelhanos, enquanto ali em Castela se capturavam fidalgos portugueses.

Álvaro Gonçalves e Pêro Coelho foram levados à força. Quanto a Diogo Lopes Pacheco, não o puderam encontrar porque partira muito cedo à caça de perdigões. Os guardas ordenaram então que se fechassem as portas das muralhas e proibiram a população de sair porque receavam que alguém se lembrasse de o ir avisar. Não sabendo de nada, regressaria calmamente e apanhá-lo-iam sem dificuldade.

As pessoas obedeceram contrariadas. É sempre revoltante ficar fechado à chave e aquela história parecia-lhes mal contada. Então o rei de Castela não prometera protecção aos fugitivos portugueses? Nesse caso deveria manter a sua palavra. «Palavra de rei não volta atrás...», diziam uns. «Ora, ora! O rei fez muito bem», diziam outros. «Os criminosos têm que pagar pelos seus crimes. Infeliz foi a rapariga que os malvados apunhalaram, tão nova, tão linda, com três filhinhos pequenos, coitada.»

Garcia ouviu, ouviu, sem nunca se pronunciar. Observou de longe os homens que ficaram de guarda à porta da muralha. Depois foi-se aproximando. Como não lhe ligaram grande importância, decidiu pôr o seu plano em prática. Arrastando a perna com algum exagero, chegou-se ao mais imponente dos guardas e quase se lhe rojou aos pés numa atitude própria de quem é tolo ou desgraçado:



— Pelas alminhas vos peço que me deixeis sair — implorou. — Só vós, senhor, me podeis valer em tão grande aflição...

Retorcia as mãos, revirava os olhos, insistindo sempre na mesma tecla. Queria sair da vila, desse lá por onde desse.

Ao princípio não teve sorte nenhuma. O homem empurrou-o para o lado com a ponta da lança e nem perguntou qual era a urgência. Limitou-se a dizer: «Ordens são ordens.» Foi quanto bastou para que Garcia lhe pegasse na palavra:

— Ordens dá-as o senhor porque é a pessoa mais importante que aqui está.

Ele pareceu agradado com o que ouvia. Empertigou-se, mastigou qualquer coisa ininteligível.

— Mandai abrir a porta e a porta abrir-se-á — lembrou Garcia com voz trémula. — Por caridade.

Exibia os farrapos, a cabeleira desgrenhada com vestígios de palha, a deformidade que aparentemente o impediria de correr por montes e vales ao encontro do fidalgo caçador.

— Preciso de me ir embora para ir cumprir uma promessa a Santiago de Compostela. O caminho é longo e estou atrasado alguns dias.

Ou porque fosse devoto de Santiago e já tivesse gritado por ele em algum campo de batalha, ou por se lembrar de que é pecado impedir os peregrinos de cumprirem as suas promessas, ou porque lhe deu gozo ser o único com poder para ordenar «Abre-te porta!», o certo é que o guarda o deixou partir.

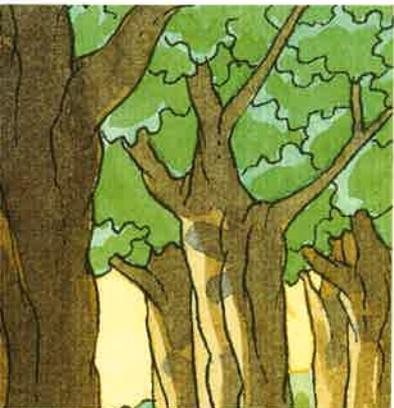
Garcia não perdeu tempo e embrenhou-se nas matas correndo tanto quanto as pernas lhe permitiam. Era-lhe impossível calcorrear os montes em busca dos cavaleiros, mas sabia muito bem onde ir esperá-los: no riacho de águas cristalinas que serpenteava entre as escarpas e acalmava a sede aos homens e aos animais. Para lá chegar, que canseira! Escolheu o trilho mais curto, que por azar era também o mais estreito e acidentado. Com um pau a servir de bordão, ala por cima de raízes, desníveis de terra e desníveis de rocha, em luta com a folhagem densa e espinhuda que se entrelaçava, magoava e arrepanhava roupas e pele com os mesmos repuxos agressivos. Uma única ideia lhe martelava o espírito: avisar o amigo, preveni-lo para que escapasse à morte.

Quando finalmente avistou o remanso das águas espraiando-se numa curva aberta e convidativa, precipitou-se para a margem, mergulhou a cara e sorveu vários golos com avidez. Ao endireitar-se tinha a cabeça zonga e por dentro dos ouvidos zumbiam-lhe milhares de abelhas afanosas.

«Safa! Em que trabalhos me meti por causa de um assassino», pensou mesmo sem querer.

O pensamento perturbou-o. Estaria certo ajudar um criminoso a escapar à justiça? Sentado numa pedra redonda, pôs-se a meditar no caso, e ora lhe parecia que sim ora lhe parecia que não.

Por que teria D. Diogo cometido uma acção tão feia? Que impulso diabólico levaria um homem saudável e rico, com a vida talhada para ser feliz, a meter-se em alhadas que só lhe podiam trazer as piores complicações?



Estes considerandos estragavam a imagem do seu ídolo. Em vez de grande cavaleiro simpático e generoso parecia-lhe um indivíduo estúpido e mau, a quem a sorte apesar de tudo bafejava. Mas logo a seguir insinuavam-se as dúvidas. Se calhar D. Diogo estava inocente e era vítima de intrigas. Recordava então o homem risinho que o tratava tão bem e alegrava-se com a possibilidade de lhe poder ser útil.

Foi o ladrar frenético da matilha de cães que o arrancou aos devaneios.

«Já lá vêm. É agora.»

D. Diogo conduzia a montada a trote, um pouco distanciado dos escudeiros que o seguiam. Garcia acenou-lhes e D. Diogo ficou surpreendido de o ver ali. Os gestos de chamamento não obtiveram qualquer efeito. Naquela belíssima manhã de caça, quem tinha paciência para aturar mendigos?

Apesar da indiferença, Garcia aproveitou o momento em que o senhor desmontava para dar de beber ao cavalo, chegou-se e fez finca-pé:

— Senhor, tenho que vos falar sem ninguém ouvir. É assunto grave e de vosso interesse.

Mostrava-se tão ansioso que o outro acedeu, e afastaram-se juntos para uma clareira adiante. O relato breve caiu como um raio na alma de Diogo Lopes Pacheco. Petrificado de pavor, nem conseguia raciocinar:

— Que hei-de fazer? Que hei-de fazer? Estou perdido.

— Se quiserdes ouvir o meu conselho, ele ser-vos-á proveitoso. Mas o melhor é afastarmo-nos daqui. Não se deve confiar em escudeiros e criados, porque pode sempre haver um traidor no meio deles.

O facto de estar a ser perseguido quando se julgava a salvo, mais o medo da morte certa que o esperava, agravou o terror e fez com que D. Diogo se entregasse nas mãos do único indivíduo que ousara desafiar tudo e todos para o salvar. Ignorava qual fosse a proposta, mas obedeceu. Gritou aos seus homens que continuassem a caçada pelo monte:

— Este pobre quer mostrar-me um vale onde há muitas perdizes e perdigões. Vamos sozinhos para não espantar a caça. Mais logo nos encontraremos.

A conversa que tiveram em seguida ao abrigo de olhares indiscretos foi um dos momentos altos da vida de Garcia, porque por uma vez se inverteram os papéis. Era ele quem mandava. E ficou a saber que tinha qualidades até então ignoradas, pois congeminou um plano de fuga sem esquecer o mínimo detalhe.

Despiu a roupa andrajosa e ofereceu-a como disfarce:

— O melhor é vestir-vos de mendigo e fugirdes. Quando passarem almocreves com as suas mercadorias, ide com eles sem dar a conhecer quem sois. Fingi que andais a pedir esmola. Na primeira oportunidade arranjai um hábito de monge por causa do capucho, que serve para esconder a cara. E se tendes amor à vida procurai um lugar isolado, sem caminhos, onde ninguém vos encontre. Mas não desanimeis, que atrás de tempo tempo vem.

Diogo pasmava com tanta clarividência, e o que não disseram as palavras disseram os olhares de admiração. Desembaraçou-se do traje de caça com nervosismo,



envervou os farrapos e prendeu à cintura uma bolsa recheada de moedas de ouro e prata muito bem escondida. Antes de se despedir, escolheu algumas moedas valiosas e ofereceu-as ao mendigo.

— Olhai lá se vos fazem falta — disse Garcia sem conhecer a própria voz.

— Nem todo o ouro que aqui levo pagaria o que fizeste por mim. Acho que és o único amigo que tive na vida.

Enfiou-lhe as moedas na palma da mão, virou costas e desapareceu caminhando a pé por uma vereda íngreme.

Garcia ficou só e perplexo. Nem em sonhos se atrevera a imaginar uma cena assim. Estava nu porque tinha dado a roupa a um grande senhor. Apertava na mão direita um verdadeiro tesouro e na esquerda segurava ainda uma camisa de linho bordada a fio de seda. No chão, por cima das botas de coiro abandonadas à pressa, empilhavam-se roupagens magníficas, uma capa debruada a pele e um chapéu. Para o quadro ser completo, até ali estava um cavalo branco ricamente ajaezado pedindo que lhe saltassem para cima. Desatou a rir que nem um perdido. As gargalhadas roucas, sonoras, assustaram a passarada, e das moitas saíram tantos perdigões a esvoaçar que até dava gosto. Por breves instantes imaginou que era possível enfiar-se na pele de um grande senhor. Mas depois lembrou-se de que aquela pele não lhe convinha:

«Safa! Mais vale pobre e seguro do que rico e condenado à morte.»

Já mais calmo, aplicou-se a destruir e sujar tão lindas roupas para as poder usar sem despertar suspeitas. Escondeu as moedas muito bem escondidas. E, a contragosto, enxotou o cavalo para longe:

— Vai-te! Volta para casa sem cavaleiro. Xô!

Radiante consigo mesmo, tomou o caminho dos peregrinos.

«Assim como assim, já que disse que ia para Santiago de Compostela, vou. Talvez o santo me ajude daqui para a frente.»

Partiu a assobiar. Não tinha pressa.

Em vão esperaram os caçadores por D. Diogo Lopes Pacheco. Em vão o esperaram também os guardas. Como o cavalo apareceu sozinho na vila, concluíram que caíra em algum barranco. E as buscas foram inúteis, porque um mendigo astuto tivera artes de enganar dois reis.

Nota: No essencial, esta história foi contada por Fernão Lopes na *Crónica do rei D. Pedro*.



**ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES**

Pré-História

Tempo dos Castelos

Reconquista

Primeira Dinastia

Descobrimentos

Segunda Dinastia

Últimos reis de Portugal

Quarta Dinastia

**ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES**

Os Lusitanos habitaram o vale onde se veio a erguer Piódão. Ali apascentavam os seus rebanhos em segurança, porque a zona é de difícil acesso.

Segundo consta, foi nesta zona que se escondeu Diogo Lopes Pacheco, um dos três assassinos de Inês de Castro e o único que conseguiu escapar à vingança do rei D. Pedro I.

A primeira referência escrita a este lugar data do tempo do rei D. João III (1527). Nessa época só por lá viviam duas famílias que de vez em quando recebiam visitas indesejadas, pois o isolamento continuou a ser muito convidativo para os fora-da-lei.

O isolamento terminou apenas no século XIX, quando foi construída a estrada real para ligar Coimbra à Covilhã. A partir de então passaram a circular regularmente na zona viajantes e mercadorias. Assim o lugar foi-se povoando. Houve até um padre que resolveu fundar um colégio no Piódão, um colégio interno para rapazes de Coimbra, Castelo Branco e Covilhã. Mas nem por isso a terra se viu livre dos fora-da-lei, porque apesar de tudo era uma zona pouco movimentada. Há notícias sobre a estada de dois bandidos: o terrível João Brandão e um tal Oliveira Matos, a quem todos chamavam *Oliveirão*. Este último tantas fez que acabou por ser linchado pelo povo, farto de o aturar.





### Piódão

A aldeia de Piódão é no seu conjunto uma espécie de monumento, porque as casas são todas feitas de xisto e mantêm o aspecto antigo de «aldeia-presépio». É engraçado saber que inicialmente as casas foram construídas um pouco adiante do local onde hoje se encontram. A população dedicava-se sobretudo à pastorícia e à apicultura (criação de abelhas), para extracção de mel e cera. Mas um dia as casas foram invadidas por uma praga de formigas gigantes muito gulosas que atacavam o mel. Os moradores, não conseguindo resolver o problema, abandonaram as casas e foram construir outras no sítio onde ainda hoje estão.





### Igreja Matriz

A igreja matriz foi construída no século xvii e ampliada no século xix à custa de ouro oferecido pelos moradores.



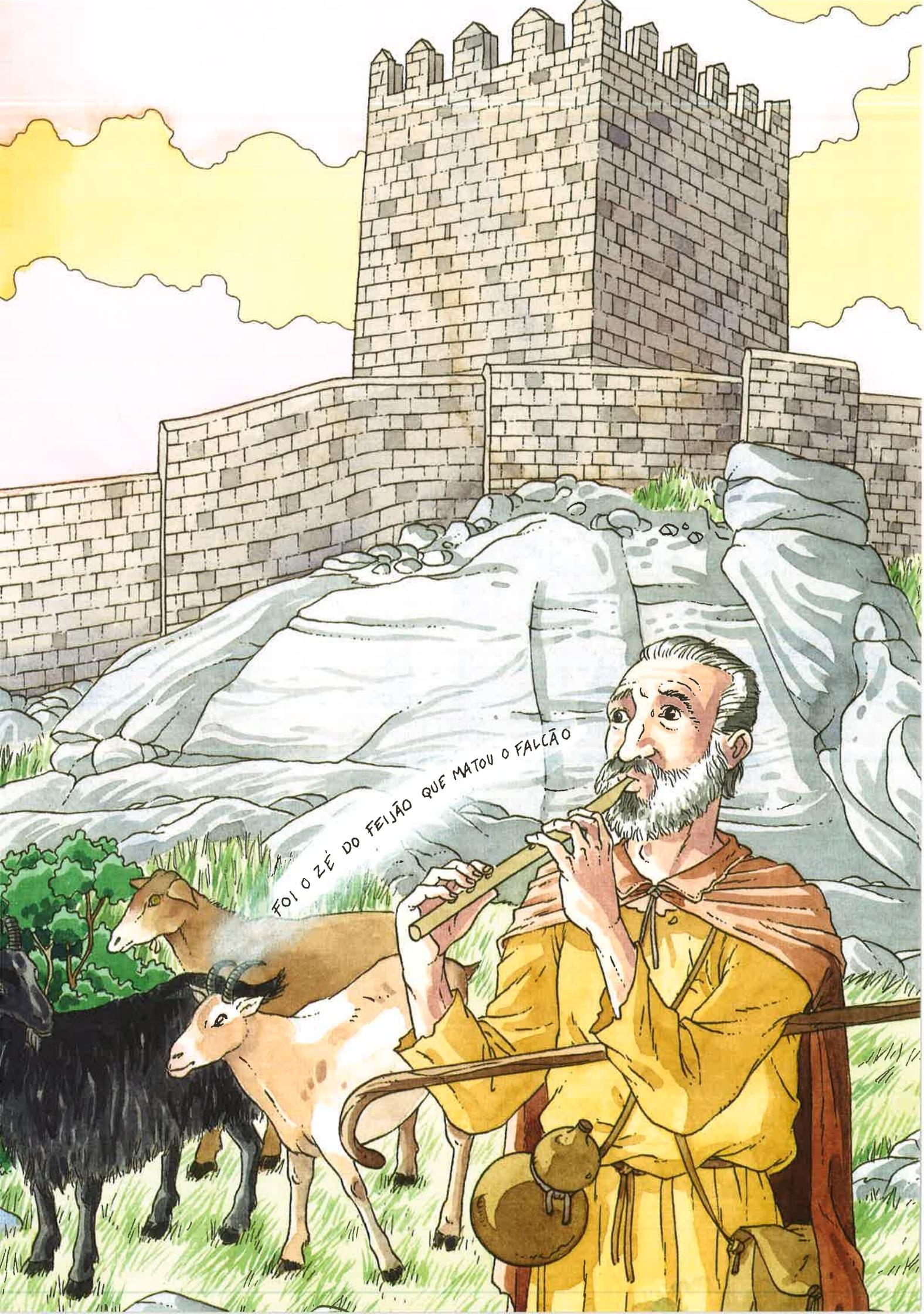
## Festas de Piódão

- Abril – S. Pedro
- Agosto – Sagrado Coração de Jesus



# SORTELHA





FOI O ZÉ DO FEIJÃO QUE MATOU O FALCÃO



«O vento que soa» é uma história tradicional e reúne dois elementos habituais: um pai que à hora da morte transmite ao filho a sua sabedoria através de um simples conselho, e um segredo que ninguém revelou e em todo o caso se espalhou.

## O vento que soa

Era uma vez um homem que, sentindo aproximar-se a hora da morte, chamou o seu único filho e disse-lhe assim:

— Não tenho riquezas para te deixar mas deixo-te um conselho que vale ouro. Quando tiveres um segredo que não queiras ver espalhado pelo vento que soa, não o contes a ninguém. — Erguendo-se na cama, acrescentou de olhos arregalados: — Não confies nem na tua mulher, nem no teu maior amigo. Um verdadeiro segredo guarda-se no coração.

O rapaz dispôs-se a seguir o conselho do pai mas ficou intrigado. Que raio seria aquilo de «vento que soa»? Tanto matutou que resolveu fazer uma experiência: ia revelar um falso segredo a ver se o caso se espalhava. Andava ele a congeminar segredos imaginários quando soube que o grande senhor das terras de Sortelha tinha ido à caça e perdera o seu falcão preferido. Os arautos percorriam as aldeias a anunciar:

— Quem encontrar o falcão vivo que o entregue no castelo e será bem recompensado. Mas ai de quem lhe faça mal...

Por um acaso do destino, o falcão apareceu-lhe na quinta e deixou-se apanhar porque estava cansado e com fome. Num primeiro impulso, pensou ir levá-lo ao castelo e receber a recompensa. Depois, pensando melhor, achou que era boa altura para fazer a experiência. Escondeu o falcão muito bem escondido, matou outra ave que lá tinha mais ou menos do mesmo tamanho, cortou-a aos bocados, cozinhou-a e convidou o maior amigo para jantar. Ia a refeição a meio quando fingiu descair-se e confessou:

— Sabes que matei o falcão de que andam para aí à procura?

O amigo ficou horrorizado:

— Por que é que fizeste uma coisa dessas?

— Foi sem querer. Vi-o pousado ali adiante, lancei uma flecha e matei-o.

— E agora?

— Agora estamos a comê-lo.

— O quê? — perguntou o amigo, engasgado de aflição. — Tu estás louco?

— Não estou nada louco. Esta foi a maneira de me salvar. Morto, depenado, assado



e comido, está o assunto arrumado. Só eu e tu é que sabemos a verdade. Se não contares, na nossa barriga ninguém o encontra.

O outro prometeu guardar segredo mas saiu dali muito abalado. E por azar no dia seguinte ouviu um arauto gritar junto ao pelourinho:

— O meu senhor dobra a recompensa a quem der notícias do falcão. Mas se alguém lhe fez mal não conte com perdão!

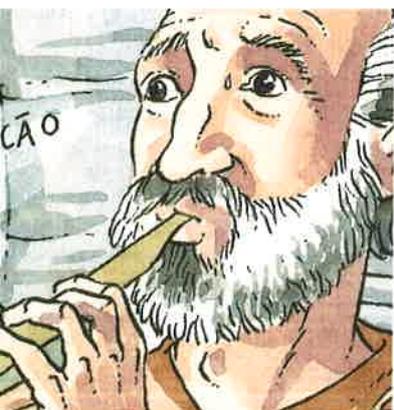
Aquelas ameaças deixaram-no coberto de suores frios. Bem sabia que nem o senhor nem os arautos podiam adivinhar o que sucedera. Mas o segredo pesava-lhe, sufocava-o. E quanto mais pensava «Não posso contar a ninguém», maior era a necessidade de o fazer. Em desespero de causa, dirigiu-se à beira do rio e em voz baixa falou para as canas:

— Foi o Zé do Feijão que matou o falcão.

Depois disso sentiu-se mais aliviado e voltou para a aldeia, convencido de que o segredo estava bem seguro. Pouco tempo depois um pastor cortou uma cana daquele canavial e transformou-a em flauta. Para seu grande espanto, quando soprou, em vez de música saíram palavras da flauta: «Foi o Zé do Feijão que matou o falcão.»

Tal como o velho pai advertira, o segredo espalhou-se imediatamente. Nessa mesma noite apareceram os guardas à procura do Zé do Feijão para o prenderem.

Ele pôde provar a sua inocência apresentando o falcão vivo e de boa saúde. Fingiu que acabara de o encontrar e até recebeu a recompensa. Não se zangou com o amigo porque percebeu que ele não o traíra, já que falar com canas em princípio não compromete ninguém. E também percebeu até que ponto o seu velho pai era sábio. Segredos são segredos. Basta abrir a boca e lá vão eles espalhados pelo vento que soa!



#### ÉPOCAS MAIS IMPORTANTES

Romanos

Tempo dos Castelos

Reconquista

Primeira Dinastia

#### ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

Os Romanos ocuparam esta zona, pois existem vestígios de uma estrada romana.

Sortelha foi fundada no tempo dos primeiros reis. A vila surgiu com uma função determinada: defender o território dos ataques dos inimigos. D. Sancho I mandou construir o castelo.

E D. Sancho II mandou reforçá-lo e deu carta de foral aos moradores para fixar populações.

O nome Sortelha deriva de Sortija/Sortília/Sorteia — palavras que designavam um jogo próprio para treinar os cavaleiros.

Esse jogo exigia que os cavaleiros enfiassem a ponta de uma lança num anel com pedrarias.

O castelo e o dito anel aparecem representados no brasão de Sortelha.

[...]

[...]

Descobrimentos  
Segunda Dinastia

Últimos reis de Portugal  
Quarta Dinastia

Ao contrário de outras terras, Sortelha perdeu importância quando D. Dinis assinou com os castelhanos o Tratado de Alcanizes para desenhar a fronteira entre os dois reinos. Como a fronteira ficou mais longe já não era preciso prestar tanta atenção àquele castelo. No entanto, D. Dinis, e mais tarde D. Fernando, deram novos benefícios aos moradores através de cartas de foral para que a terra não se despovoasse. D. Manuel I incluiu Sortelha na extensa lista de terras que tiveram direito a novos forais e mandou construir um pelourinho. Quando Portugal expulsou os Espanhóis e recuperou a independência, foi necessário reconstruir os castelos de fronteira e preparar gente para as lutas que necessariamente se seguiriam. O castelo de Sortelha foi um dos que receberam obras de restauro.



## CURIOSIDADES DE SORTELHA



### Castelo

As muralhas de Sortelha são circulares e encaixam num enorme penedo.



### Casas de Sortelha

Os Árabes nunca viveram em Sortelha mas há uma casa que por tradição se chama Casa Árabe e cujo nome tem uma razão de ser: até há pouco tempo não se sabia o significado de uma inscrição que existe na ombreira da porta e pensou-se que pudesse ser árabe. Afinal traduziu-se e significa «Jesus Ave Maria».

Existe uma outra casa, chamada Casa do Vento que Soa, que foi construída há cerca de 400 anos.



### Festas de Sortelha

 Agosto – Santo António

---

**Altitude:** 786 metros

---





